



“Motivação dos alunos de uma turma para as aulas de
Andebol e Voleibol. Análise comparativa”

Relatório de Estágio Profissional

Relatório de Estágio Profissional
apresentado com vista à obtenção do
2º ciclo de Estudos conducente ao grau
de Mestre em Ensino de Educação
Física nos Ensinos Básico e Secundário
(Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março
e o Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de
fevereiro).

Orientador: Professor Doutor Ramiro Rolim

Paulo Khan Mesquita Rodrigues

Porto, setembro de 2011

Ficha de catalogação

Rodrigues, P. K. M. (2012). Relatório de Estágio Profissional. Porto: P. Rodrigues. Relatório de Estágio Profissional para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: SER PROFESSOR; PROFESSOR REFLEXIVO; MOTIVAÇÃO; GESTÃO DA SALA DE AULA; ESTÁGIO PROFISSIONAL

Dedicatória

A ti, “pequenina”, que sempre
estiveste do meu lado, mesmo
quando te empurrei

Agradecimentos

Ao “novo vício” e à “stamps” por me darem abrigo e apoio ao longo de toda a minha vida acadêmica.

Ao restante núcleo de estágio, por sofrerem comigo a intensidade deste estágio.

À incansável professora Luísa Brandão pelo seu acompanhamento, pela sua paciência e dedicação para me um tornar melhor professor.

Ao professor Ramiro Rolim pela sua orientação ao longo do meu percurso.

Índice Geral

Dedicatória.....	III
Agradecimentos	V
Índice Geral.....	VII
Índice de Imagens	IX
Índice de Gráficos	XI
Resumo	XIII
Abstract.	XV
Abreviaturas	XVII
1. Introdução.....	1
2. Enquadramento Biográfico	5
2.1. À procura do meu destino	5
3. Enquadramento da Prática Profissional.....	13
3.1. Contexto teórico.....	13
3.2. Referências ao contexto legal, institucional e funcional.....	16
3.3. Caracterização da escola e do meio envolvente.....	19
3.3.1. A escola e Instalações desportivas	19
3.4. A primeira impressão do 10 ^a B	21
4. Realização da Prática Profissional	25
4.1. Organização e Gestão do processo de ensino	25
4.1.1. Planeamento	26
4.1.2. Controlo da turma.....	28
4.1.3. Gestão	32
4.1.5. Avaliação	36
5. Participação na escola e Relações com a comunidade.....	43
5.1. Desporto Escolar	43

5.1.1. Da ignorância à sua exigência.....	43
5.2. Atividades do núcleo de estágio	47
5.2.1. Magusto.....	47
5.2.2. Donasport.....	48
5.2.3. “Favores em cadeia”- Da sala para a comunidade.....	50
5.3. Crescimento Profissional	52
6. Desenvolvimento Profissional	57
6.1. Motivação.....	57
6.1.1. Motivação nas aulas de andebol e voleibol	57
6.1.1.1. Resumo	57
6.1.1.2. Abstract.....	58
6.1.1.3. Introdução.....	59
6.1.1.4. Objetivos da investigação	60
6.1.1.4.1. Objetivo Geral	60
6.1.1.4.2. Objetivos específicos	60
6.1.1.5. Revisão da Literatura.....	60
6.1.1.6. Metodologia	62
6.1.1.6.1. Tipo de Estudo	62
6.1.1.6.2. População em Estudo	62
6.1.1.7. Métodos e instrumentos utilizados.....	62
6.1.1.8. Resultados.....	63
6.1.1.9. Discussão dos resultados e conclusão	65
6.1.1.10. Referências Bibliográficas	67
7. Conclusões e Perspetivas para o futuro	71
8. Referências Bibliograficas	75
9. Anexos	XXI

Índice de imagens

Imagem 1. Gabinete dos professores de educação física	19
Imagem 2. Polidesportivo Exterior 1 e Polidesportivo Exterior 2	20
Imagem 3. Polidesportivo 1	20
Imagem 4. Polidesportivo 2	20
Imagem 5. Ginásio.....	20
Imagem 6. 2ª prova de natação, realizada pelo nosso NE	46

Índice de gráficos

Gráfico 1. Percentagem de alunos que não gostavam de praticar as modalidades de andebol e voleibol	63
Gráfico 2. Principais conceitos-chave referidos pelos alunos que não gostavam de andebol.....	64
Gráfico 3. Principais conceitos-chave referidos pelos alunos que não gostavam de voleibol	65

RESUMO

O Relatório de Estágio (RE) tem como propósito refletir sobre a minha experiência profissional e pessoal vivenciada ao longo do Estágio Profissional (EP), realizado na Escola Secundária com 3º ciclo Dona Maria II. Esta experiência foi partilhada com um núcleo de estágio composto por 4 professores estagiários, estando este orientado por uma professora cooperante, titular das turmas dos estagiários e de um professor orientador da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

O Estágio Profissional permite a nossa integração na vida profissional de forma orientada e progressiva, podendo experimentar, em contexto real, as competências e exigências dos profissionais da docência.

Todo este documento é um puzzle de reflexões críticas da minha formação enquanto professor estagiário de Educação Física (EF).

Divide-se em 7 capítulos, sendo o primeiro dedicado à introdução e apresentação do mesmo. O segundo refere-se ao enquadramento biográfico, onde relato todo o meu percurso de vida e desportivo e realizo a minha identificação pessoal. O Capítulo seguinte debruça-se sobre o enquadramento da prática profissional, e o contexto escolar em termos teóricos, legais, funcionais e institucionais, deixando para quarto e quinto capítulo, a reflexão sobre a minha realização da prática e a minha participação na escola e relações com a comunidade. O penúltimo capítulo debruça-se sobre o meu desenvolvimento profissional e a investigação da motivação nas aulas de andebol e voleibol, deixando para o último as conclusões e perspetivas para o meu futuro profissional.

PALAVRAS-CHAVE: SER PROFESSOR; PROFESSOR REFLEXIVO; MOTIVAÇÃO; GESTÃO DA SALA DE AULA; ESTÁGIO PROFISSIONAL.

ABSTRACT

The Internship Report (RE) aims to reflect on my the personal and professional experience experienced over the Professional Training Placement (EP), held at the High School Dona Maria II with 3rd cycle. This experience was shared with team composed by four internship trainee teachers, and was supervised by a cooperating teacher, holder of the classes of interns and a professor of the Faculty of Sport, UniversityofOporto.

The Internship allows our integration into professional life in a focused and progressive way, granting the possibility of evaluating, in a real context, the skills and requirements of professional teaching. This entire document is a puzzle of critical reflections of my training as a trainee teacher of Physical Education (PE). The report is divided into seven chapters. The first chapter aims to create an introductory text to the report. The second refers to a biographical framework, which account my entire life path and demonstrates my sporting and personal identification. The third chapter focuses on the framework for professional practice, and school context in theoretical, legal, institutional and functional terms. The fourth and fifth chapters are aimed to reflect on my performance regarding my practice and participation in school and relationships with the surrounding community. Chapter sixth focuses on my professional development and research of the motivation in handball and volleyball classes. Finally, the seventh chapter presents the final conclusions of the report and an outlook for my future career.

KEYWORDS: BEING A TEACHER; REFLEXIVE TEACHER; MOTIVATION; MANAGEMENT OF THE CLASSROOM; AND PROFESSIONAL TRAINING

ABREVIATURAS

DE- Desporto Escolar

EE- Estudante Estagiário

EF- Educação Física

EP- Estágio Profissional

FADEUP- Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

NE-Núcleo de Estágio

OE- Orientador de Estágio

PC- Professora Cooperante

PE- Professores Estagiários

PD1- Polidesportivo 1

PD2- Polidesportivo 2

UT- Unidades Temáticas

1. Introdução

1. Introdução

O presente documento surge no âmbito do Estágio Profissional (EP) que se insere no mestrado relativo ao 2º Ciclo em ensino de Educação Física nos ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

A realização deste, é como criar um “álbum” de tudo que se passou ao longo, como cita o Dicionário da língua portuguesa, do “período durante o qual uma pessoa ou um grupo exerce uma atividade temporária com vista à sua formação ou aperfeiçoamento profissional”, por outras palavras, Estágio Profissional (EP). Tendo a plena consciência que a nossa formação não tem um fim à vista, a possibilidade de exercitar a vida profissional de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionada em contexto real, desenvolve-nos as competências profissionais promovendo-nos, futuramente enquanto docentes, um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão (Matos, 2010, p.2).

Ao longo do documento descrevo e reflito sobre as minhas principais ações, os fracassos e sucessos inclusive, enquanto professor na Escola Secundária c/3º Ciclo D. Maria II, situada no centro de Braga, tendo à minha responsabilidade uma turma do 10º ano.

Toda esta experiência foi intensamente vivida com mais três professores estagiários, Ricardo Alves, Nuno Silva e Raquel Felgueiras e sob a supervisão da nossa professora cooperante, mestre Luisa Brandão. Toda a orientação teve ao encargo do Professor Ramiro Rolim.

O presente relatório encontra-se organizado em seis grandes títulos para além da presente introdução. No enquadramento biográfico tento relatar com a maior fidedignidade possível todas as minhas vivências pessoais e desportivas, para que o leitor perceba o que me levou a escolher esta profissão. O enquadramento da prática profissional discorre pelos contextos teóricos, legais, institucionais e funcionais onde se realizou a minha prática profissional. Ainda nesse capítulo, tento dar a conhecer ao leitor a escola e mais concretamente a turma que lecionei. Esta descrição permite-me demonstrar as excelentes condições que tive para realizar o meu EP.

A realização da prática profissional é uma análise crítica e reflexiva sobre as minhas ações e comportamentos enquanto professor. Enquanto professor do 10º B e enquanto professor inserido numa comunidade educativa.

No quinto capítulo reflecto sobre a minha participação na escola e as minhas relações com a comunidade.

No sexto título, revelo o meu crescimento profissional e investigo a motivação dos alunos em realizar as aulas de andebol e voleibol, tentando perceber a sua influência para o sucesso dessas.

Por fim, concluo mencionando os aspetos mais significativos, constatando o meu crescimento profissional e as minhas perspetivas para o futuro

2. Enquadramento Biográfico

2. Enquadramento Biográfico

2.1. À Procura do Meu Destino

Olá, o meu nome é Paulo Khan Mesquita Rodrigues e sou aspirante a professor de educação física. Assim me apresento, admitindo, desde já, ao leitor o meu objetivo de vida, salvaguardando-me do risco de não acreditar na minha convicta vontade.

Sem conseguir verdadeiramente elucidar as razões que me fizeram chegar aqui, proponho desenhar um quadro da minha vida dando a possibilidade ao leitor de me julgar sem quaisquer condicionalismos.

Fui apresentado ao mundo no dia 12 de dezembro de 1984 na cidade de Braga, onde resido até à data. Falar da minha infância é, provavelmente, falar da infância de muitas outras crianças, com o seu grupo de amigos, com os mimos da família, com as suas crises de choro por não poder brincar e longos momentos de espera pela melhor parte do ano, o nosso aniversário e o natal em família.

Como muitos outros rapazes, a minha primeira paixão foi o futebol e o poder ter uma bola para brincar, mesmo quando não pudesse sair de casa. E talvez esta tenha sido a minha primeira aproximação ao mundo do desporto. Apesar da predileção ao futebol, rapidamente percebi que o meu gosto abrangia muito mais, lembrando-me vagamente do gosto que tinha em jogar voleibol, ou das tardes passadas a ver o andebol do ABC ou na rua a construir tacos de beisebol só para ter o gosto de “bater uma bola”. Ainda hoje me atrevo a dizer que foram dos momentos mais felizes da minha vida. Quando se é criança ou mesmo pré adolescente, sentimos que o mundo se cinge ao espaço que nos rodeia. Parecendo ser uma afirmação sem sentido, espero ao longo do texto fazer perceber a razão de ela estar aqui.

Apesar deste gosto incontestável, nunca tive força de vontade para seguir, como atleta federado, uma modalidade (não tendo uma única razão de queixa de toda a educação dada pelo meu Pai, se pudesse voltar atrás, era das poucas coisas que gostava que ele tivesse insistido), até aos meus 15 anos quando fui “arrastado” pelos meus amigos a ir treinar futsal no clube da cidade.

Para descontentamento familiar, nunca fui dado aos estudos e estudar sem pensar na vida futura era um ideal recorrente. Com este gosto pelo desporto e com a minha nova posição de atleta federado, criei o meu primeiro objetivo, entrar na faculdade de desporto. Desconhecendo completamente as bases de conteúdo desta faculdade, vi no seu ingresso a oportunidade de juntar o útil ao agradável, continuando os estudos para agrado da família e praticar desporto como sempre desejei.

Após muito esforço, consegui entrar na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), que na altura ainda se designava-se por FCDEF. A entrada numa universidade fora da minha cidade teve um impacto que não esperava. A perceção que existia “vida” para além do meu “mundo”, fez-me começar a ter novas perspetivas, ainda que muito distorcidas e vagas. Ter de ser o principal responsável por mim e viver sem as habituais regras paternas, fez-me atrasar alguns anos na faculdade, mas a verdade é que não os sinto como perdidos.

Esta instituição fez-me crescer como pessoa, incutiu valores que até então desconhecia, desde cooperação, disciplina, responsabilidade e acima de tudo vontade de ser alguém. Embora tivesse essa vontade, o simples ingresso nesta instituição não era o suficiente para descobrir o meu verdadeiro “eu”.

Para perceber essa passagem é preciso e é fundamental falar sobre a minha viagem a Moçambique. Ainda hoje me lembro das palavras do meu pai no meu dia da viagem: “Paulo, quero que saibas que te pago esta viagem para conheceres a terra dos teus familiares e para que percebas que o mundo não se limita a Braga.” Admitindo não perceber na altura estas palavras, hoje estou grato por essa viagem e por me ter mostrado o meu principal objetivo de vida. Eu quero ser professor em África.

Embora nascesse em Braga, todas as minhas raízes estão nesse país quente de cheiros e sabores únicos e como dizia meu querido avô, “quem conhece nunca esquece”. Rapidamente me senti integrado, me senti africano de corpo e coração.

Esta paixão fugaz fez-me querer conhecer todo o funcionamento social daquela terra e principalmente perceber como funcionavam as escolas da

cidade de Maputo, que quase instintivamente considerava a minha cidade. A pobreza que não se consegue esconder é facilmente ultrapassada pela força de vontade de viver das pessoas e pela sua alegria de saber que só assim conseguem sobreviver.

É uma terra de apenas dois lados, o muito pobre e o excessivamente rico, mas mesmo assim conseguindo viver em conformidade e em que todos lutam pela imagem do país.

Não foram precisos muitos dias para perceber que o meu destino teria de passar por essa terra, e é por esse destino que agora luto.

De regresso a Portugal, volto com as ideias bem definidas e organizadas na minha cabeça. Acabar a licenciatura, tirar o mestrado em educação física, nos ensinos básico e secundário e voltar ao meu novo País.

Embora se possa imaginar como será ser professor, toda essa imaginação não consegue abranger todo o processo trabalhoso e árduo que um docente precisa de ter para ser bem-sucedido. O primeiro ano do mestrado, apenas serviu para um esboço de um desenho de ténues cores de como seria o nosso estágio profissional. Deu-nos um bom suporte de “sobrevivência” com o ensino de várias modalidades e principalmente a turmas distintas que, propositadamente ou não, mostram-nos a necessidade de nos adaptarmos de acordo as pessoas/alunos que estão à nossa frente.

Ao longo do mestrado, fui-me apercebendo de uma característica desta instituição que a distingue das restantes, que é a primazia da reflexão, sermos professores reflexivos. Em qualquer trabalho realizado, era imperativo e obrigatório realizar uma reflexão sobre esse acontecimento. Lembro-me na altura, de reclamar de todo este processo, hoje percebo o seu sentido e compreendo na sua plenitude a importância de sermos reflexivos em toda a nossa prática.

Passado este ano, chegou finalmente o momento esperado, ser professor estagiário. Olhar para trás, desde os meus dias de meninice e perceber que criei um objetivo de vida e que estou a um passo de o completar, fez-me olhar para a minha colocação na Escola Dona Maria II em Braga, como um dos maiores feitos da minha ainda curta vida.

Ao longo de todo o mestrado foi notório o sacrifício de todos os professores em dar-nos todas as armas possíveis para quando entrássemos nesta nova etapa de vida. Hoje, e sem querer tirar mérito ao seu esforço, confesso que nada nos prepara para o embate inicial, pois nada nos prepara para o “bom desconforto” de sermos chamados por “Sr professor”, quando essas vozes não correspondem somente aos alunos mas a todos os intervenientes na comunidade educativa.

Contrariando toda minha maneira de ser, durante o verão perdia horas de sono imaginando como seria o meu primeiro ano enquanto Professor. Recriando aulas, caras de alunos, caras de colegas, conversas com Pais, uma infinidade de situações. Hoje, com segurança, posso afirmar que podemos perder o tempo que quisermos a imaginar esses momentos, que nunca vamos estar preparados quando passamos por eles.

Para Nóvoa, o estágio profissional (EP) evidencia o conhecimento, atitudes e destrezas necessárias ao nível da sala de aula; conhecimento ao nível do contacto e relacionamento com os alunos; e conhecimento ao nível da escola no que diz respeito à parte administrativa, colegas, pais, participação nas atividades da escola, como áreas significativas na formação do professor (Nóvoa, 1995). Foi nestas áreas que fomos confrontados e foram estas áreas que o mestrado nos deu as bases, mas o medo de falhar muitas vezes se torna mais forte e nos torna de novo um recém-licenciado sem bases e conhecimentos de nada.

Por muito que nos sintamos perdidos, não há “bússola” mais perfeita do que a primeira aula do ano, o primeiro contacto com os “meus alunos”, pois só com um sentimento de pertença podemos dar tudo que temos.

O nervosismo e o medo de falhar não desaparecem, mas vão diminuindo ao longo da 1ª chamada e da pequena conversa que vamos tendo com os alunos. Aos pouco o nervoso torna-se em ansiedade e o medo em vontade de sermos bons naquilo que fazemos e acima de tudo, aproveitar ao máximo aquilo porque lutamos, ser professor de educação física.

Para finalizar, cito o meu primeiro parágrafo da minha primeira reflexão de aula, não para confirmar as palavras anteriores, mas por agrado de as ler e saber que o sonho continua intacto.

“Embora tenha 26 anos e um longo caminho para percorrer, sinto-me no direito de dizer que em 15/09/2011, pelas 15 horas e 15 minutos, concretizei o sonho de uma vida. Dificilmente este dia sairá do meu pensamento, pois foi o meu primeiro dia como professor.”

(Reflexão da aula nº 1)

3. Enquadramento da Prática Profissional

3. Enquadramento da Prática Profissional

3.1. Contexto teórico

Considerando a ética e o saber cruciais para a conotação de profissão de uma atividade e baseado em Sousa (2001), que se debruça no interacionismo simbólico para definir este conceito, podemos concluir que a profissão usufrui do estatuto que a sociedade lhe atribui.

A sociedade é feita de pessoas e como tal torna-se dinâmica e em constante mudança, mudando os conceitos e os valores. A profissão docente não foge à regra e a sua imagem foi mudando aos olhos da sociedade em que estava inserida. Não querendo correr o risco de ser maçudo, na história da profissionalização do professorado, recorro a Nóvoa (1999) para, num breve passeio histórico, evidenciar importantes marcos na sua construção. A segunda metade do século XVIII é um período-chave na valorização da profissão, em que o exercício da atividade passa a tempo inteiro, sendo, no final desse século, permitido lecionar quem possuísse uma licença ou autorização do estado, conferindo assim uma acreditação profissional de ensino. Já no século XIX dá-se atenção à necessidade de uma formação específica para os professores e criam-se associações profissionais em defesa do estatuto sócio-profissional (melhoria do estatuto, controlo da profissão e definição de carreira).

Entende-se então, profissionalidade como o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, atitudes e valores que constituem a especificidade de ser professor, devendo ser sempre contextualizado (Nóvoa, 1999). Popkewitz (1986) acredita que o conhecimento da prática pedagógica, e a possibilidade de a alterar, implica a compreensão das interações entre três contextos diferentes:

- 1) O contexto propriamente pedagógico, vulgarmente chamado de “prática” e que define as funções que dizem respeito aos professores.
- 2) O contexto profissional dos professores que elaboraram como grupo, um modelo de comportamento profissional (ideologias, conhecimentos, crenças, etc.), produzindo um saber técnico que legitima as suas práticas. Este contexto pode reportar-se a subgrupos profissionais com

diferentes ideologias, mesmo no interior de uma mesma escola, ou a todo coletivo profissional.

- 3) O contexto sociocultural que proporciona valores e conteúdos considerados importantes.

Ser professor nos dias de hoje, não é fácil. Segundo Nóvoa (1999) as situações de mal-estar que atingem o professorado estão à vista de todos, com elevados índices de absentismo e de abandono, insatisfação profissional e ausência de uma reflexão crítica sobre a ação profissional. O mesmo autor também refere que *“é preciso contar também o outro lado da história, verificando com alguma surpresa que, apesar de tudo, o prestígio da profissão docente permanece intacto.”* (Nóvoa, 1999, p. 22). Neste sentido, não podemos desprimorar a formação do professor, pois existe uma reputação a manter perante os olhos da sociedade.

A formação de professores é das áreas mais sensíveis das mudanças em curso no setor educativo e ao longo dos anos da sua história tem oscilado entre modelos académicos, centrados nas instituições e conhecimentos “fundamentais”, e modelos práticos, centrados nas escolas e em métodos “aplicados”. Para Nóvoa, é preciso adotar o modelo profissional baseado na parceria entre as instituições de ensino superior e as escolas, criando assim novas vivências e novas formas de ensino (Nóvoa 1999). Parafraseando Law, *“Eu quero professores que não se limitem a imitar outros professores mas que se comprometam (e reflitam) na educação das crianças numa nova sociedade; professores que fazem parte de um sistema que os valoriza e lhes fornece os recursos e os apoios necessários à sua formação e desenvolvimento; professores que não são apenas técnicos, mas também criadores”* (Lawn, 1991, p.39).

Concordando com esta relevância da formação de professores, decidi ingressar numa instituição como a FADEUP, no sentido de ter a melhor formação possível. Para além do saber e ética, esta instituição tem por base o modelo da reflexão, acreditando que só assim o professor consegue melhorar suas competências e tornar-se o melhor profissional. John Dewey (1933) define a reflexão como forma de pensar especializada, distinguindo-se do ato da

rotina. Por sua vez, Alarcão (1996) evidencia a importância do professor na produção e estruturação do conhecimento pedagógico, refletido na e sobre a interação entre o conhecimento científico e aquisição do aluno, tornando-o num professor ativo. Ainda a mesma autora, numa entrevista fornecida ao site <http://www.firb.br/txts/txts14.html>¹, afirma que *“ser reflexivo é muito mais do que descrever o que foi feito em sala de aula” e que os profissionais deverão questionar-se sobre situações práticas como base de sua formação, pois só assim “nos tornamos capazes de enfrentar situações novas e de tomar decisões apropriadas”*.

Sustentado por este modelo, o professor torna-se muito mais do que uma “ máquina reprodutora”, reproduzindo o que aprendeu durante a sua formação. A formação do professor passa pela reflexão sobre o seu saber e o seu saber fazer, bem como refletir sobre uma nova aprendizagem e sobre a sua utilização. Na opinião de Alarcão (1996), nenhum professor em formação pode não ser capaz de ser tornar reflexivo sozinho, sendo preciso alguém que o ajude, levando-o a responder perguntas que, a princípio, ele não é capaz de fazer. No intuito de trabalhar esta capacidade, realizar a minha formação na FADEUP foi uma mais-valia. Mas afinal o que é ser um professor reflexivo? A mesma pergunta foi feita a Alarcão, ainda na mesma entrevista, com a autora respondendo da melhor maneira possível, dizendo que *“É aquele que pensa no que faz, que é comprometido com a profissão e se sente autónomo, capaz de tomar decisões e ter opiniões. Ele é, sobretudo, uma pessoa que atende aos contextos em que trabalha, os interpreta e adapta a própria atuação a eles. Os contextos educacionais são extremamente complexos e não há um igual a outro. Eu posso ser obrigado a, numa mesma escola e até numa mesma turma, utilizar práticas diferentes de acordo com o grupo. Portanto, se eu não tiver capacidade de analisar, me vou tornar um tecnocrata.”*

Schon, ao considerar o professor como prático reflexivo, distingue três conceitos diferentes que integram o pensamento prático: conhecimento na ação; reflexão na ação; reflexão sobre ação e na ação (Schon 1992).

1. O conhecimento na ação diz respeito ao saber fazer.

¹ Site acedido no dia 03 de Agosto de 2012

2. Reflexão na ação é representada pela nossa atitude de pensar sobre o que fazemos ao mesmo tempo que realizamos determinada ação.
3. A reflexão sobre a ação e a reflexão na ação é a análise que o indivíduo realiza, *a posteriori*, sobre as características e processos da sua própria ação.

A realização do estágio profissional pode ser vista como a “cereja no topo do bolo” na nossa formação enquanto professores. É nele que colocamos em prática todas as competências adquiridas e nos formamos enquanto professores e acima de tudo, professores dinâmicos, adaptáveis ao contexto inserido e reflexivos de modo a não nos tornarmos prisioneiros de métodos estipulados.

3.2. Referências ao contexto legal, institucional e funcional

A realização do Estágio Profissional (EP) rege-se pelas orientações legais do Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março e do Decreto-lei nº 43/2007 de 22 de fevereiro e nos regulamentos institucionais em vigor: Regulamento do curso de Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Regulamento Geral dos Segundo Ciclos da Universidade do Porto e Regulamento Geral dos Segundos Ciclos da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Citando Matos (2010, p. 2), o Estágio Profissional (EP) “ *visa a integração no exercício da vida profissional de forma progressiva e orientada, através da prática de ensino supervisionada em contexto real, desenvolvendo as competências profissionais que promovam nos futuros docentes um desempenho crítico e reflexivo, capaz de responder aos desafios e exigências da profissão*”.

Para o sucesso no cumprimento do EP, é fundamental responder às exigências das atividades mencionadas no artigo 3.º do Regulamento do Curso- 2.º Ciclo em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, tais como atividade letivas e não letivas da escola; tarefas de ensino-aprendizagem; planeamento; realização da avaliação; entre outras.

Com este procedimento, arriscamo-nos a formar eficazmente, enquanto professores a serem capazes de responder e superar as exigências da nossa profissão.

Considerando o Estágio Profissional (EP) como uma unidade curricular (unidade de ensino com objetivos de formação próprios que é objeto de inscrição administrativa e de avaliação traduzida numa classificação final (Decreto-lei nº 74/2006 de 24 de março), podemos vê-la como uma representação da nossa vida profissional futura.

Neste sentido, e acreditando que seremos atores docentes profissionais, sinto ser necessário tecer alguma reflexão sobre o nosso espaço de atuação, a escola. A escola é uma instituição complexa, pois envolve diversas maneiras de ser “olhada” e sempre mantendo uma postura democrática e equidade para todos.

Ao ler as “Imagens organizacionais da escola” de Adelino Costa, vemos que a mesma escola pode ser vista em diversas imagens, tais como, empresa, burocracia, democracia, arena política, anarquia e cultura. Toda esta conjugação de imagens num mesmo espaço e conseguir arranjar forma de a tornar tranquilamente num espaço de aprendizagem torna-se um processo complexo e ao mesmo tempo gratificante. Podemos também concluir que a escola é a instituição mais complexa que pode existir, pois tem de coexistir com centenas de pessoas de identidades diferentes, com pensamentos e culturas distintas e mesmo ter de por todos a seguir o mesmo percurso e o mesmo destino, o sucesso escolar de todos.

De todas disciplinas que se possa abordar nesta instituição, penso ser de total consenso que abordamos a que mais se evidencia esta heterogeneidade de alunos e diversidade de identidades, acrescentando a isso o seu peso fulcral para a educação da saúde e bem-estar por parte dos alunos. Depois destas razões, apresento a minha indignação pelo aumento da sua desvalorização por parte do Governo atual, principalmente pela sua falta de sensibilidade para a compreensão dos benefícios visíveis que traz. Para finalizar saliento o facto irrefutável de o Desporto transmitir uma série de

valores, quer estes sejam da sociedade em que estamos inseridos ou por lado, pré-estabelecidos pelas sociedades anteriores.

O EP funciona num sistema de orientação da prática de ensino supervisionada, regulamentada nos artigos 6º (Atribuição dos Orientadores da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto) e 7º (Atribuição dos professores cooperantes) do Regulamento do Estágio Profissional da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (Matos, 2010b). No meu caso foi atribuído o professor Ramiro Rolim como Orientador de Estágio (OE) e a professora Luísa Brandão como Professora Cooperante (PC).

O meu EP realizou-se na Escola Secundária c/3 Ciclo Dona Maria II (ESDMII), formando um núcleo de estágio com outros três professores estagiários: Nuno Silva, Ricardo Alves e Raquel Felgueiras. Embora só conhecesse o Ricardo, rapidamente fui conhecendo os restantes e foi-se criando um bom grupo de trabalho.

A Escola Secundária c/3º Ciclo D. Maria II, localizada no centro da cidade, é uma das mais antigas e prestigiadas escolas de Braga. Esta comunidade cresceu significativamente com as últimas obras, aumentando as suas dimensões e também o seu número de alunos em consequência da introdução do 7º, 8º e 9º anos.

A escola funciona em regime triplo- diurno, noturno e a Oferta Educativa abrange os Cursos Geras, CEF'S e Cursos Profissionais.

Destacando o grupo de EF (Educação Física), este é constituído por 9 Professores, sendo que 5 do género masculino e os restantes do feminino, coordenado pela professora Maria João Lobo que adiciona a este, o cargo de Coordenadora do Departamento de Artes, Tecnologias e Desporto.

Todo o grupo deu-nos liberdade e condições perfeitas para a nossa integração e sucesso na escola, realçando com toda justiça a professora cooperante (PC), no seu processo incansável de nos acompanhar, orientar, aconselhar. Dito de outra forma, realço a PC pela sua inexorável vontade de nos ver crescer como pessoas e como professores.

3.3. Caracterização da escola e do seu meio envolvente

3.3.1. A escola e Instalações desportivas

Seria de extrema injustiça e insensatez da minha parte falar da minha prática pedagógica sem antes esboçar um pequeno retrato da escola que tão bem me acolheu e que tudo fez para criar as melhores condições possíveis de trabalho e sucesso profissional.

O Liceu Nacional D. Maria II foi criado em 31 de março de 1964, pelo Decreto-Lei nº 45 636/64, assinado pelo Ministro da Educação Nacional, Inocêncio Galvão Teles, com a indicação de ser um “*liceu feminino, com 24 salas*”.

Em 1974, em consequência da revolução do 25 de Abril, o Liceu passa a Escola Secundária e abre as suas portas aos estudantes do género masculino, funcionando desde então em regime triplo, diurno e noturno, tendo atingido uma frequência de mais de 2.000 Alunos.

Falar hoje desta instituição, é falar de uma escola completamente renovada, com os mais modernos equipamentos e em que nada falta para qualquer disciplina. De todas estas novas ou melhoradas instalações, dou maior evidência às que se referem à educação física. Não por pretensiosismo, mas simplesmente pelo facto de ter passado quase a totalidade do meu tempo nesses espaços.

Dado ao seu carácter único, os professores de educação física possuem um gabinete próprio, próximo do seu espaço de trabalho e que é de utilização diária por parte de todos, pois é aqui que se escrevem os sumários e se realizam as reuniões de grupo.



Imagem nº 1: Gabinete dos professores de educação física

Em relação às instalações desportivas, a escola dispõe de um Ginásio (onde se ministram de preferência aulas de Ginástica), dois Polidesportivos, um totalmente coberto (PD2), outro semicoberto (PD1) e um Polidesportivo Exterior, que se pode dividir em duas parte PE1 e PE2. No Polidesportivo 1 semicoberto, é possível lecionar todas as modalidades, possui marcações de campos de Voleibol, Andebol, Futsal, Basquetebol, Badminton e Ginástica. No Polidesportivo 2 coberto, é possível lecionar ginástica, Badminton, Basquetebol e Voleibol. No Polidesportivo Exterior é possível lecionar Voleibol, Basquetebol e Badminton. No caso de chover, o Polidesportivo Coberto 1, terá de ser repartido por dois professores.



Imagem nº 2: PE1 e PE2



Imagem nº 3: PD1



Imagem nº 4: PD2

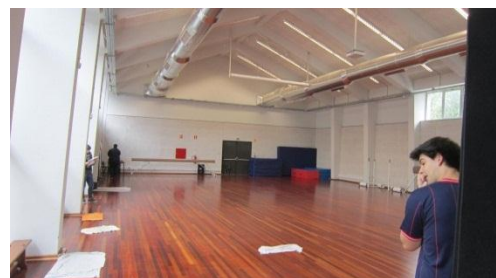


Imagem nº 5: Ginásio

3.4. A primeira impressão do 10º B

Se de alguma forma, para criar um relatório fidedigno, necessito de me apresentar, penso ser o mais correto situar o leitor numa breve impressão da turma que tive a oportunidade de lecionar.

Não tendo uma influência direta, o facto de podermos conhece-la em termos de gostos, proveniências e aspetos socioeconómicos ajudou-me a descortinar um pouco sobre o que podia esperar deles.

Para uma caracterização o mais fiel possível, recorri à análise dos dados da ficha sociobiográfica, aplicada pela diretora de turma (Anexo A), e da ficha de caracterização do aluno (Anexo B), elaborada pelo núcleo de estágio de educação física. O tratamento das fichas permitiu-me obter informações relativamente a diferentes aspetos: identificação pessoal, relação com a escola, identificação e dados sociais do agregado familiar, relação com a disciplina de educação física e com o seu professor, atividade física extracurricular e saúde e hábitos alimentares. Não querendo fazer uma descrição exaustiva de todos estes itens, irei apenas refletir sobre os que, na minha opinião, podiam influenciar o sucesso das aulas.

A turma 10º B, a minha turma, caracterizou-se desde logo pelo equilíbrio de géneros, havendo 14 elementos do género feminino e 11 do género masculino, com uma média de idades de 14,5 anos. Excetuando 2 alunos que já frequentavam a escola, todos os outros provinham de escolas distintas, havendo desde já dois grandes grupos. Um que provinha da EB2/3 André Soares e outro da Escola EB 2/3 Frei Caetano Brandão. Este relativo conhecimento dos alunos pelos seus pares era uma grande vantagem para a desinibição num ambiente completamente novo.

Desde logo acreditei que o meu possível sucesso enquanto professor estagiário pudesse ser auxiliado pelo conhecimento das expectativas dos alunos para as aulas de educação física e pelo seu gosto por esta disciplina. Foi um prazer e igualmente uma responsabilidade imensa, constatar que quase a totalidade da turma optava Educação física como a sua matéria preferida.

Devemos ser sempre exigentes com o nosso trabalho e principalmente a nossa profissão, mas manter esta estatística até ao final do ano era um objetivo

importante, sem nunca esquecer a máxima de manter os alunos “apaixonados” pela disciplina e sempre motivados e empenhados.

Uma característica que me deixou “inquieto” foi a baixa percentagem de alunos a praticar atividade física fora da escola. Cada vez mais estes números se tornam normais e nós, enquanto professores de educação física devemos ter a obrigação e vontade de querer mudar essa situação

4. Realização da Prática Profissional

4. Realização da Prática Profissional

Este capítulo prende-se com um relato dos desafios que me foram surgindo ao longo de todo o EP enquanto “ser professor” e “ser pessoa”.

Embora toda a descrição pormenorizada do conceito de EP tenha sido feita em linhas anteriores, confesso que é apenas neste momento que o descrevo pessoalmente. É intenso, longo, desgastante, mas acima de tudo, apaixonante. Ao longo de todo este processo foram inúmeros os casos de erros e contratempos que surgiram, dificultando muitas vezes a minha adaptação a esta nova realidade. Apesar disso não os vejo como um insucesso, muito pelo contrário pois são os erros e a interpretação crítica destes que nos ajudam a melhorar.

Resgatando reflexões antigas selecionei os temas e atividades que mais me marcaram durante este ano, sendo por isso esses que irei esmiuçar e relatar ao longo das próximas linhas.

O EP dá a oportunidade de todos os estudantes estagiários vivenciarem de igual modo a vida profissional, no entanto, não é experienciada de igual forma por todos nós. Cada um absorve-o e vivencia-o à sua maneira.

Na minha vivência deste desafio, sinto que a minha intervenção foi focada em duas áreas: Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem; e Participação na escola e Relações com a comunidade. E serão nestes dois pontos que focarei toda a minha descrição e reflexão.

4.1. Organização e Gestão do Ensino e da Aprendizagem

A organização e gestão do ensino e da aprendizagem debruça-se exclusivamente na minha função de professor de educação física, nas minhas dificuldades e vitórias diárias dentro da minha “sala de aula”, desde o planeamento inicial até às surpresas diárias. Esta engloba várias dimensões que um professor eficaz tem de dominar e que me causaram diferentes desafios em diferentes momentos do meu “crescimento”.

4.1.1. Planeamento

Planeamento e Realização, dois conceitos que se completam e que são indispensáveis para qualquer profissão. Acreditando no poder do provérbio “mais vale prevenir do que remediar”, facilmente se depreende o quanto é importante planejar, principalmente em educação física. Planejar tem como objetivo mostrar o caminho que devemos seguir e o destino que queremos alcançar, de modo que haja os menos percalços possíveis. Para Bento (1987) existem três níveis de planificação do ensino:

- 1) Planificação central: elaboração dos programas
- 2) Planificação da direção da escola: distribuição dos professores, horários e programa anual da escola
- 3) Atividade de planificação e preparação das aulas

O planeamento para mim, enquanto professor estagiário da Escola Dona Maria II, realizou-se em três campos: anual, Unidades Temáticas (UT) e planos de aulas.

Para Rink (1993), é conseguir criar uma sequência apropriada para aprendizagem dos alunos, estruturada por objetivos a cumprir. Conseguir criar esta sequência lógica e produtiva para o sucesso dos alunos, gerou em mim alguns receios. Após decidir as modalidades a abordar e distribuí-las pelos períodos, vem a necessidade de realizar as suas UT. Este processo consiste na definição dos conteúdos a abordar de cada modalidade, de forma gradual, especificando os momentos e a função didática. Para a criação desta hierarquização e estruturação dos conteúdos, contamos com ajuda do Modelo de Estrutura de Conhecimento (MEC) de Vickers (1990), que está dividido em 8 módulos. **Módulo 1-** Análise da modalidade; **Módulo 2-** Análise das condições de Aprendizagem, bem como os recursos espaciais, materiais, temporais e humanos; **Módulo 3-** Análise dos alunos; **Módulo 4-** Extensão e sequência dos conteúdos; **Módulo 5-** Definição dos objetivos; **Módulo 6-** Configuração da avaliação; **Módulo 7-** Progressões de ensino; **Módulo 8-** Aplicação.

De modo a perceber as dificuldades encontradas, esmiuço levemente os módulos. Pode-se considerar os dois primeiros como o conhecimento da

história da modalidade e o reconhecimento das condições que a escola possui para a lecionação da modalidade. Em relação aos módulos 3, 4 e 5, advém a minha maior dificuldade para a realização de uma UT coerente e que seja a mais verdadeira possível. Fazer uma análise dos alunos, é fazer uma espécie de avaliação inicial de modo a perceber em que nível estes se encontram. Com o objetivo de utilizar apenas uma aula para esta situação, aparece a primeira complicação. Avaliar um aluno em apenas uma aula, faz-nos correr o risco de não o conseguirmos fazer corretamente e desde logo criarmos percepções erradas do nível a que esse aluno possa chegar.

Se avaliar se torna complicado, criar uma extensão e sequência dos conteúdos também se mostrou não ser tarefa mais fácil. A escola Dona Maria II possui um roulement (Anexo C), para que os professores possam usufruir de igual modo de todas as instalações. Mas, devido a esta rotação de espaços, acabamos por ter poucas aulas para cada modalidade. Ao realizar a avaliação inicial, pretende-se, acima de tudo, definir o nível que queremos que os alunos cheguem. Este desejo por vezes torna-se impossível de realizar com as poucas aulas de que dispomos, sendo por isso indispensável ter uma “concentração no essencial” (Bento, 1987, p.26) ao escolher os conteúdos. E a nossa reduzida experiência, por vezes, distancia-nos desta capacidade e aproxima-nos do sonho errado de conseguir abordar tudo o que gostaríamos.

Ao longo do tempo e com o conhecimento da turma, esta escolha bem como a definição de objetivos foram-se tornando mais reais e correspondentes à realidade dos alunos.

De todos os processos de planeamento, o da aula foi o que mais trabalho me exigiu, quer na sua realização, quer na compreensão do porquê de tanta importância na sua conceção. O plano de aula deverá ser visto como um guião flexível, que pode ser alterado na própria aula devido a necessidades ou situações com o que o professor se depare. A vontade de criar uma sequência lógica e dinâmica, com todos os alunos em atividade, durante quase a totalidade da aula, era o meu maior desejo enquanto professor estagiário. Esta vontade fez-me, por vezes, procurar exercícios bastante elaborados, retirando aos alunos tempo de prática.

“No exercício do trabalho em superioridade numérica 4x3, criei um torneio onde a equipa que restasse realizava corrida. No início, criou-se alguma confusão pois os alunos tiveram alguma dificuldade na compreensão do exercício.” (Reflexão da aula nº 26)

Com a experiência juntamente com as reflexões com a Professora Cooperante (PC), a nossa sensibilidade para a escolha dos exercícios foi melhorando e a organização da aula no “papel” apresentou poucas falhas visíveis. Superado este desafio da seleção correta dos exercícios e preenchimento dos vários campos do plano de aula (Anexo D), aparece a dificuldade da sua realização. A aula é feita em ambiente vivo, com pessoas distintas de características completamente diferentes uma das outras. Esta dinâmica por vezes torna necessário uma mudança no imediato do plano de aula, de forma a não desviar-me do seu objetivo principal.

Por muito que se planeia, dificilmente se adquire antecipadamente as armas necessárias para as vicissitudes que vão surgindo e são importantes para o funcionamento de uma aula.

4.1.2. Controlo

Conseguir o controlo da turma é uma dessas armas que se só se adquire eficazmente com o tempo de experiência.

Desde sempre considerei que o êxito da aula estava inerente à relação que o professor mantinha com os seus alunos e no controlo que este tinha perante a turma.

Não acreditando no sucesso da excessiva autoridade, pois daqui pode advir uma obediência por obrigação e não por respeito. Desde as primeiras aulas optei por adotar uma postura permissiva em relação a alguns comportamentos infantis dos alunos. Furlani (2000), cita que este modelo autoritário, decorrente então de uma posição hierárquica, pode ser aceite simplesmente porque assim está determinado e não porque o professor demonstra competências ou liderança.

“Uma característica da turma, que poderá dar má impressão é o seu comportamento infantil. Alguns alunos têm muita dificuldade em estar quietos no momento da explicação, principalmente quando estão na posse de uma bola. Conseguir estar quieto e concentrado na explicação é um dos aspetos que tenho que incutir nos alunos, mas percebo muitas vezes a dificuldade destes, porque eu também já fui assim e sinto que pode haver uma “margem controlada”, principalmente numa turma como esta que não tem o mínimo de mau comportamento e desrespeito.” (Reflexão da aula nº 13)

E, apesar de hoje ter a confirmação de não ter tido uma turma mal comportada, aos poucos fui percebendo que a infantilidade dos alunos pode prejudicar todo o desenrolar de uma aula e tornar bastante complicado o controlo das atitudes fora da tarefa.

“A turma não tem problemas nenhuns de mau comportamento, mas ainda são muito infantis o que leva a uma necessidade de um controlo contínuo, correndo o risco de eles passarem a aula toda na brincadeira e tornando a aula desorganizada.” (Reflexão da aula nº 16)

Outro pormenor evidenciado é o crescente mau comportamento por parte da turma. Não por culpa deles, mas sim por minha culpa ao fazer sentir os alunos demasiados à-vontade durante as aulas. Para além de todos os problemas atrás evidenciados, este é será o principal a combater e o mais rápido possível.” (Reflexão da aula nº 32)

Não sendo possível continuar com esta atitude e sabendo de antemão que não conseguiria conquistá-los com uma mudança radical de comportamento e admitindo também que não o conseguiria fazer, decidi

apostar toda a chamada de atenção num só momento e numa só aula. Não foi uma decisão fundamentada, apenas intuitiva, na esperança que isso desse certo.

Esta estratégia teve como principal objetivo a procura de um ponto de equilíbrio entre a autoridade e permissividade que são essenciais na evolução do processo educativo. Assim, a autoridade que o professor deve praticar, presenteia-se em fornecer aos educandos “todo o apoio e amparo para que esse se torne num adulto, capaz de se colocar objetivos, levantar alternativas de ação, selecionadas a mais eficiente do ponto de vista social e pessoal e, deliberadamente, refrear todo e qualquer impulso que impeça ou protele a execução da opção escolhida” (Davis e Luna, 1991)

Não querendo acreditar na coincidência, foi com agrado que a partir daí facilmente consegui controlar novamente a turma. Os alunos tornaram-se muito mais respeitadores e até receosos com as consequências das suas brincadeiras.

“Outro pormenor foi o comportamento por parte de um aluno que consegue ter um grande impacto de destabilização no desenrolar da aula. Toda a turma é responsável e empenhada nos exercícios solicitados pelo professor, mas o comportamento deste aluno consegue por vezes destabilizar e arrastar com ele outros focos de mau comportamento.

O seu comportamento nunca foi o mais adequado, mas tende a piorar a cada aula que passa. Chegando eu ao meu limite de paciência, decidi fazer uma chamada de atenção perante toda a turma, no sentido de o chamar à razão sobre o seu comportamento.”

(Reflexão da aula nº 38)

Não sei se foram estas as razões certas ou simplesmente por ser uma aula antes da avaliação final, mas notou-se que, de todas, foi aquela em que os alunos demonstraram maior empenho, melhor comportamento e com menor tempo em atitudes fora da tarefa.

“A juntar a isto, é com esperança que penso que a minha conversa no final da aula anterior tenha contribuído para esta melhoria de atitude principalmente por parte de alguns alunos, que sem dúvida nenhuma eram o maior foco de destabilização da turma.” (Reflexão da aula nº 39)

Aproveitando esta situação e tentando mantê-la, mudei apenas a minha postura passiva, para uma de tentar dar aos alunos maior responsabilidade durante as aulas. É fascinante perceber como a sensação de responsabilidade por parte dos alunos pode melhorar o sucesso de uma aula.

Bento (1987, p 232) estimula esta prática fazendo alusão às suas vantagens, *“quando os professores estão convencidos que os alunos podem aprender significativamente e criam condições de trabalho e apoio e de tempo dirigidas ao aumento da quantidade e qualidade das respostas dos alunos, os progressos de aprendizagem podem tornar-se notórios”*.

Esta mudança melhorou toda a organização e gestão da aula e principalmente a minha aproximação aos alunos, que penso ser essencial para um bom desenrolar das aulas.

Os alunos são uma parte integrante de todo o processo de ensino/aprendizagem e para que estes nos ajudem no nosso trabalho também nós temos que os conhecer.

O controlo da turma, na minha prática profissional, deverá ter sido o mais difícil de manipular, pois encontrar o equilíbrio perfeito não é fácil. E embora pareça tê-lo encontrado, tenho a perfeita consciência que cada turma é diferente e que cada uma tem a sua solução, tornando-se assim, um problema que estará sempre presente no início e cabe-nos, a nós professores, ir aula a aula encontrar o perfeito equilíbrio dessa turma.

4.1.3. Gestão

Seguindo esta linha de raciocínio na tentativa de encontrar este equilíbrio perfeito, uma das competências imprescindíveis para o sucesso do professor é a Gestão e Organização do espaço de aula. Esta competência vai muito além da simples supervisão e controlo da turma.

Desde as primeiras aulas, um aspeto que tive dificuldade em gerir, foi o tempo. Facilmente me perdia na gestão dos tempos dos exercícios e das transições, o que interferia com o sucesso da aula.

“Para dar um maior tempo de prática aos alunos, decidi organizar poucos exercícios com longo tempo de duração. Esta estratégia mostrou-se não ser a melhor, pois os alunos saturaram-se e acabariam por fazer os exercícios sem concentração e motivação. Outro aspecto que não teve muito sucesso nesta aula, foi a gestão do tempo, isto é, as transições nos exercícios foram demoradas, criando assim demasiado tempo sem prática pedagógica. Considero estes dois problemas, quer o tempo demasiado de prática no mesmo exercício e o tempo de transição de exercício, como algo a melhorar urgentemente mas também com a consciência que são problemas normais numa fase inicial da prática pedagógica.”
(Reflexão da aula nº 6)

Com o adquirir de experiência e com muita ajuda da PC, fui conseguindo criar rotinas com os alunos. Rotinas muito simples mas que levaram a uma enorme melhoria no aproveitamento do tempo de aula e principalmente no controlo da turma. Uma das primeiras estratégias utilizada foi a marcação de presença à chegada dos alunos no espaço, em vez de esperar por todos para assim fazer a respetiva chamada. Este tempo de espera cria alguma inquietação por parte dos alunos influenciando assim todo o desenrolar da aula.

Outra rotina que criei com a turma foi, na organização do espaço e na arrumação do material, grupos específicos em cada aula para estes momentos. Trouxe mais vantagem do que pedir à turma inteira para o fazer.

Considerarei importante a criação destas rotinas para o desenrolar das aulas e para o desenvolvimento da autonomia por parte do aluno, pois, segundo Arends (1995), os professores devem procurar desenvolver competências de autogestão, com intenção de os tornar mais responsáveis e autónomos sobre os conhecimentos da aula, melhorando ao nível da gestão e disciplina.

Inserida na problemática do tempo, está o despendido com a instrução. É irrefutável pôr em causa a importância desta competência, que segundo Graça (2005), se refere à capacidade de gerar aprendizagem, assim como de desenvolver os conhecimentos e as potencialidades dos alunos.

Para uma boa instrução e sermos capazes de gerar o que autor refere, é de maior importância a capacidade de comunicar com os alunos, de conseguir transmitir eficazmente e de modo a que eles percebam e compreendam a informação apresentada.

O professor não deve ser visto como ator que tem de distrair ou divertir uma plateia de alunos. A comunicação na sala de aula tem de visar a capacidade para analisar, raciocinar, inferir sobre o que é ensinado, possibilitando a apropriação do saber (Carita & Fernandes, 1997).

Para Siedentop e Tannehill (2000, p. 266), existem algumas regras para a eficácia desta comunicação, entre as quais saliento:

1. Linguagem que os alunos compreendam;
2. Demonstrar entusiasmo, mas exprimir-se com clareza e calma;
3. Certificar-se que a demonstração e a explicação são coerentes;
4. A demonstração deve transparecer o comportamento que se deseja do aluno;
5. Sempre que possível, envolver os alunos na demonstração/explicação;

6. Verificar se os alunos percebem a tarefa antes de dispersarem para a prática.

A necessidade de referenciar apenas estas razões prende-se com o facto de terem sido observadas em diversas aulas, ao longo do ano. Em algumas modalidades coletivas, principalmente no futsal, que é a minha modalidade de eleição, a linguagem e o entusiasmo, inconscientemente tornavam-se excessivos à compreensão dos alunos, impedindo que estes percebessem os exercícios.

Ao longo de todas as modalidades fui adquirindo a capacidade de exemplificar com sucesso os gestos pretendidos e transmitir o que esperava dos alunos. Mas, tal como aconteceu na modalidade de badminton, utilizar o aluno para a demonstração do exercício cria logo maiores índices de motivação e compreensão por partes dos colegas. O sucesso desta estratégia, na minha opinião, depende da qualidade técnica do “aluno exemplo.”

“Por fim realço para um pormenor que no início receava mas que consegui tornar isso a meu favor. Ter na turma uma atleta federada de badminton e não tendo eu muita vivência nesta modalidade fez-me ter algum receio na transmissão dos habilidades técnicas mas torna-la um exemplo para demonstrar todos os exercícios fez-me perder esse medo e dar uma maior qualidade de exemplificação ao resto da turma.” (Reflexão da aula nº 41)

Ao referenciarmos gestão da aula, certamente o primeiro pensamento será o de organização do espaço. Seguindo a linha de pensamento de Arends (1995, p.17), que define gestão da aula como “os modos pelos quais os professores organizam e estruturam as suas salas de aula, como os propósitos de maximizar a cooperação e envolvimento dos alunos e de diminuir o comportamento disruptivo”, fui adotando algumas estratégias, principalmente nas aulas de ginástica para proporcionar aos alunos o maior tempo de empenhamento motor. Pode-se dizer que, se é verdade que a “Chave para uma gestão de aula bem-sucedida reside na prevenção” (Good Brophy, 1984,

p. 200), esta por sua vez deve ter em conta que *“muitos problemas surgem quando os alunos estão amontoados, são forçados a esperar ou a ficar inativos, porque não têm nada que fazer ou não sabem o que fazer”* (Good Brophy, 1984, p. 200). Organizar o espaço antes da aula, definir os grupos de trabalho e as suas rotações, colocação de informações sobre os gestos pretendidos, foram todas tarefas que ajudaram a um maior aproveitamento da aula para a realização da prática.

“Os espaços já estavam devidamente organizados e preparados para que os alunos tivessem o maior tempo possível de empenhamento motor a realizar os gestos que serão pedidos na avaliação.” (Reflexão da aula nº 37)

Assim, podemos concluir que toda a gestão da aula, com todas as suas competências, tem como principal objetivo promover aos alunos o maior tempo de empenhamento motor “ que, no domínio das atividades físicas, apresenta um impacto efetivo sobre os progressos na aprendizagem” (Carreira da Costa, 1995), sendo, por isso, necessário “procurar diminuir o número e a duração dos períodos de organização em uma aula” (Shigunov e Pereira, 1994).

A procura deste maior tempo de empenhamento tem uma consequência benéfica, diminuição dos comportamentos disruptivos e de indisciplina.

Para finalizar, não posso deixar de referenciar que Good e Brophy (1984) identificam quatro tipos de sala de aula:

1. *A turma está num caos contínuo e barulhento*, gastando o professor muito do seu tempo em infrutíferas tentativas de controlo através de ameaças e de castigos.
2. *A turma é barulhenta mas todos parecem sentir-se bem*. O professor empenha-se muito na introdução de atividades que considera interessantes e motivantes, nem sempre relevantes para aprendizagem académica. O trabalho não apresenta os resultados desejáveis e os problemas disciplinares também ocorrem mais do que seria de se esperar, mas vai-se indo.

3. *A turma não dá problemas disciplinares. Tudo está muito regulamentado*, o controlo é apertado e rígido. Não se permite que os deslizes vão por diante, não gastando o professor muito do seu tempo no exercício direto de autoridade. Trabalha-se e aparentemente o clima é tranquilo, contudo, à menor ausência do professor, a turma explode, o trabalho desorganiza-se, a confusão instaura-se.
4. *A turma parece governar-se por si próprio*. O professor tem a possibilidade de se centrar no essencial da sua tarefa educativa, os alunos trabalham e fazem-no num ambiente relativo à vontade. Respira-se um clima de bem-estar e de implicação nas tarefas, em que há vida, interação social.

Penso ser evidente perceber que o último tipo apresenta mais vantagens em relação aos restantes. Embora o tenha conseguido, sinto necessidade de referir que em alguns momentos foi difícil, muito por causa da minha maneira de estar na aula, lecionei com a turma barulhenta, mas com a sensação que tudo corria bem.

Para Carreiro da Costa (1995), condições como: tornar o tempo útil da aula o mais elevado possível; utilizar, de forma adequada, o tempo útil, reduzindo ao indispensável os tempos de informação; fazer controlo permanente da atividade dos alunos de modo a incentivar os não praticantes e a proporcionar os feedbacks necessários, são essenciais para o sucesso de ensino e que dizem respeito à organização das aulas de EF e à redução da quantidade de comportamentos de indisciplina.

A consequência deste sucesso de ensino, reflete-se na qualidade e coerência no complicado momento que é a avaliação.

4.1.4. Avaliação

Antes de qualquer dissertação sobre Avaliação, presto as minhas sinceras desculpas a todos os professores que injustamente foram culpabilizados na atribuição de notas. Hoje, depois de ter tido a oportunidade

de exercer o mesmo poder, vejo que não é um processo fácil e tem todas as condições para se tornar injusta, caso não sejamos minuciosos na nossa função de professor.

O termo avaliação em si não é consensual, tendo definições distintas aos olhos de diferentes autores. Para uns é “estimar, apreciar, calcular o valor de uma coisa (Rosado & Colaço, 2002, p. 19), para outros “ é a interpretação de uma medida em relação a uma norma preestabelecida (Lafourcade, 1972, p. 21). Embora estas diferenças, a verdade é que avaliar é uma tarefa central do professor que permite conhecer a direção de todo o processo de ensino-aprendizagem, verdade incontornável (Bento, 1987).

Para Carrasco (1985), o processo de avaliação tem de possuir três características: ser *sistemática*, obedecendo a um plano delineado; *contínua*, acompanhando todo o processo educativo; e *integral* incorporando todos os recursos inerentes à educação (materiais, humanos, entre outros).

A avaliação diferencia-se em três tipos, de forma a poder caracterizar o processo de ensino-aprendizagem: diagnóstica; formativa; e sumativa.

Avaliação diagnóstica (AD) é o primeiro passo para “situar” os alunos em cada modalidade, ou seja, é a partir dela que definimos metas a atingir, de acordo com o potencial dos alunos.

Em reunião com o núcleo de estágio, decidiu-se utilizar as primeiras aulas para realizar a AD de todas as modalidades a abordar ao longo do ano letivo. Sendo impossível avaliar todos os itens que nos propusemos na criação da ficha de AD (Anexo E), e com ajuda da PC, realizei uma avaliação mais geral, com poucos dados de observação. O tempo e a experiência revelam que com turmas grandes, a melhor maneira de avaliar será com grelhas simples e com reduzidos critérios de avaliação. Mesmo não sendo esta a forma mais eficaz de situar corretamente os alunos no seu nível, consegue mostrar grosseiramente as necessidades essenciais a abordarem no processo de aprendizagem.

Embora tenha tido alguma dificuldade na sua execução, admito não ter sido esta a que mais problema me causou e a que me fez ter aquele desabafo inicial do tema. Por mais complexa que seja a sua realização seja, o tempo de

aulas mostra-nos onde erramos e dá-nos tempo suficiente para mudar progressões ou sequências de aprendizagem, caso isso seja preciso.

Avaliação formativa (AF) para além do seu carácter informativo para o professor, deverá informar os alunos sobre as suas prestações para estes se poderem situar no seu nível e saber o que fazer para ultrapassar as suas dificuldades.

Tem o objetivo de fornecer ao professor informações acerca do desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e dar hipótese de o reajustar. A reflexão é fulcral para o sucesso deste processo, pois, como refere Bento (2003, p. 190) “ a reflexão posterior sobre a aula constitui a base para um reajustamento na planificação das próximas aulas”.

“De seguida fiz transmissão do remate em suspensão após execução de passe picado e de ombro. Este exercício não foi muito bem conseguido, pois devia ter preparado atividades em que os alunos treinassem apenas o remate, pois a realização de passes antes da sua execução fez com que muito dos alunos esquecessem do objectivo principal.” (Reflexão da aula nº 26)

Uma falha que tive neste exercício de avaliação foi a não recolha de informação ao longo das aulas sobre os alunos. Estratégias simples como questionar sobre os aspetos que mais sentiam dificuldades, teria sido uma grande ajuda para numa fase posterior realizar a avaliação sumativa. Num quadro geral conseguia facilmente perceber em que nível se encontrava a turma, mas numa turma grande, de 25 alunos existem sempre aqueles que passam despercebidos e que poderão ser injustiçados numa avaliação final.

Realizar a **Avaliação Sumativa (AS)** tornou-se a minha maior preocupação e a principal razão do meu pedido de desculpas. Esta é efetuada na parte final da Unidade Temática (UT), após a introdução, exercitação e consolidação dos conteúdos. Se em termos teóricos, pode-se facilmente afirmar este processo como um método de avaliar a evolução do aluno e poder

transmitir a este o seu nível de competência adquirida, na prática, é das tarefas mais complicadas de realizar, devido as diversas variantes.

Das primeiras estratégias que aprendi com a PC foi, primeiramente descobrir quem eram os melhores e a partir daí realizar uma avaliação com base na comparação. A experiência melhora a nossa capacidade de percepção dos mais competentes e da exatidão do seu nível de competência.

A maior dificuldade que tive de ultrapassar foi de “separar as águas” de sentimentos, na altura da avaliação, entre as suas competências e os seus comportamentos pessoais. Quando avaliamos um elemento técnico, avaliamos a competência e simplesmente a competência do aluno na sua realização. Por vezes a minha apreciação pessoal interferiu neste processo, sendo necessário a intervenção da PC.

Com o tempo consegui diferenciar o momento da avaliação sumativa do da avaliação final onde finalmente podia relacionar as suas competências desportivas e o seu comportamento global.

Somos humanos e torna-se impossível não colocar sentimentos nas nossas ações e principalmente nas nossas avaliações. Encontrar o perfeito equilíbrio para tornar a avaliação o mais real possível, foi a ferramenta que mais me custou adquirir.

5. Participação na Escola e Relações com a Comunidade

5. Participação na Escola e Relações Com a Comunidade

São inúmeras as ocasiões que os professores estagiários têm para se relacionar com a comunidade educativa e participar em atividades da escola. Reuniões gerais de professores, de departamento, de conselho de turma, entre outras, dão-nos a oportunidade de inclusão e compreensão de como funciona esta comunidade. Por outro lado, as atividades por nós realizadas materializam a nossa participação na escola e acima de tudo permitem-nos conhecer a comunidade estudantil.

Ser professor não se cinge à nossa turma, nem às preocupações somente desse grupo de alunos e pessoas. Ser professor, é estar integrado numa comunidade com outros atores educativos e conviver em conformidade com estes.

Fazer parte da Escola D. Maria II foi partilhar com todos os seus participantes os mesmos valores e criar objetivos comuns. Esta instituição preza muito o sucesso dos seus alunos, bem como a sua capacidade de integração social, realizando por isso muitas atividades para esse fim. Todas estas razões foram mais do que suficientes para a escolha desta escola e para sentir uma enorme satisfação em participar em todos os eventos e reuniões a que me propuseram.

5.1. Desporto escolar

5.1.1. Da ignorância à sua exigência

No início do ano letivo a PC propôs-nos participar ativamente no projeto do Desporto Escolar (DE). Na vontade de querer vivenciar todas as experiências pedagógicas foi com agrado que aceitei esta proposta.

Devido à minha ignorância inicial da importância deste projeto numa comunidade escolar, sinto-me na obrigação de, antes de qualquer referência à minha passagem pelo DE na escola, debruçar-me um pouco sobre a sua definição e propósito.

Situando-o legalmente pelo Decreto-lei nº 95/96 de 26 de fevereiro, secção II, artigo 5º do Regime Jurídico de Educação Física e do Desporto escolar, “entende-se por Desporto Escolar o conjunto de práticas lúdico-

desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação de escolha, integradas no plano de atividades da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo”. Pelo Ministério de Educação, *“trata-se de um direito que todos os alunos têm à prática de atividade física e desporto, como forma de complementar a sua formação integral como cidadãos”,* que pretende a *“promoção da saúde, na inclusão e integração social, na promoção do desporto e no combate ao insucesso e abandono escolar”* (Ministério da Educação, 2009).

Daqui facilmente se depreende o seu crescente estatuto no panorama escolar e na formação dos jovens, levando Bento a considerá-lo como *“... uma atividade extracurricular, complementar das aulas de Educação Física, contribuindo para a realização da incumbência sociopedagógica da escola, nomeadamente no plano do desenvolvimento integral dos alunos. Uma atividade assente na adesão voluntária dos alunos e na dimensão cultural da escola”* (Bento, 1989. p.50). Traduzindo as palavras do autor, podemos considerar o DE um meio importantíssimo para o desenvolvimento das capacidades e competências desportivas dos alunos, bem como para a formação de valores desportivos e éticos. É através dele que as crianças e jovens conhecem novas pessoas e ambientes, novas formas de ser, agir e pensar, e confrontadas com a sua realidade adquirem progressivamente um equilíbrio, aprendendo assim a viver e conviver em sociedade (Silva, 1999).

Como admiti em linhas anteriores, não reconheci de início a importância deste projeto, pensando que seria mais um meio para aumentar a minha formação numa modalidade de que gosto, a natação. Vivemos numa época difícil, inclusive para os atores educativos e principalmente para os novos professores. É uma realidade dolorosa, mas temos de a enfrentar. Não vendo um futuro próximo risonho na escola, teremos nós, recém-professores, de procurar alternativas, outros espaços e outros ambientes. E esta “formação gratuita” no ensino da natação era interpretada como um trunfo na eventualidade do meu futuro passar pelo ensino desta modalidade de que tanto gosto.

Como planeado com a professora cooperante, as aulas seriam dadas à 4ª e 6ª feira, nas piscinas da rodovia. Enquanto estudante do secundário também participei nesta atividade extracurricular, e recordo-me perfeitamente dos dias e da pouca participação por parte dos alunos. A enorme afluência logo no primeiro dia fez-me perceber que algo mudara no pensamento dos jovens alunos.

As aulas eram organizadas em 4 níveis, estando cada um dos estagiários responsáveis por um. Para além do seu carácter lúdico, todos os dias, aumentava a nossa capacidade de lecionar esta modalidade e a compreensão da sua importância na integração dos alunos no meio escolar. O Desporto Escolar de natação não obedece à idade nem à capacidade, pelo que, todos podem participar. Esta não objeção criou um ambiente heterogéneo com alunos desde o 7º ao 12º a coabitar no mesmo espaço. A sua excelente relação dentro da piscina e consequente amizade na escola era um facto facilmente observável e que despertou a minha atenção.

Ao longo do ano letivo, estes alunos tiveram a oportunidade de competir em três provas distintas com outras escolas, uma das quais organizadas pelo nosso Núcleo de Estágio (NE) e a possibilidade de participar numa prova fora da sua cidade. A competição, a vontade de participar e vencer, incute com sucesso valores imprescindíveis na formação dos jovens.

A prova organizada por nós teve um elevado grau de dificuldade e trabalho.

“Na sexta, dia 17 de Fevereiro, finalmente realizou-se o evento de natação para o qual trabalhávamos e aguardávamos algum tempo. Estar na organização de um evento desta natureza é gratificante mas também muito trabalhoso.” (Reflexão do 2º encontro de natação)

Apesar de todo o trabalho que implicou, é recompensador perceber que os alunos precisam destes momentos para a sua formação e para o seu

crescimento. O seu sentimento de responsabilidade e vontade de ser melhor, são visíveis nestes eventos e gratificantes para quem os organiza.

Agora, passado um ano letivo, toda a minha perspectiva e olhar do DE mudou. Não o podemos ver como uma simples atividade extra para os alunos praticarem desporto. É portador de uma mensagem transformadora, que visa desenvolver nos alunos comportamentos como a autonomia, responsabilidade, cooperação, sentido crítico, e sentimentos de prazer, competição e superação.



Imagem nº 6: 2ª prova de natação, realizada pelo nosso NE

5.2. Atividades do núcleo de estágio

Ao longo do ano, o nosso NE organizou dois eventos, o magusto e o DonaSport. Eventos que não foram novidades pois já existem há alguns anos na escola.

Estas atividades tornaram-se importantíssimas para a nossa relação com a comunidade escolar, principalmente com a comunidade estudantil. Todos esses eventos tiveram a participação de centenas de alunos e com isto criando uma relação próxima com eles.

A importância que dou a estas atividades é a mesma que dou as reuniões mais formais que tivemos ao longo do ano, desde as reuniões de conselho geral até às reuniões mais intimistas do grupo de educação física. Todos fazem parte da comunidade educativa e com todos devemos manter uma boa relação para o nosso sucesso e o de todos.

Ao longo desta jornada procurei esquecer o facto de como professores estagiários estarmos de passagem e dedicar-me a escola, dentro e fora de aulas, e isto permitiu-me não só integrar na comunidade educativa, como também ter este sentimento de “pertença” em relação à escola. Participar na organização dos vários eventos e atividades realizadas na escola, contribuiu para a minha satisfação e realização profissional e inerentemente para a minha formação.

5.2.1. Magusto

O magusto, realizado no dia 11 de novembro teve, suportando um pouco o que anteriormente foi dito, como objetivo promover o convívio entre os diferentes elementos da comunidade escolar e ao mesmo tempo reviver algumas tradições populares.

Ficando ao cargo da escola a parte alimentar, o NE teve a responsabilidade de organizar atividades para entretenimento dos alunos. Com o tempo apertado para planear/organizar e reduzida experiência por parte dos professores estagiários, o evento, talvez tenha ficado aquém do esperado. O

facto de estar deslocado da realidade do meu novo “papel social” teve um grande peso para o meu desapontamento no final da atividade.

“Sinto que as atividades correram bem, houve uma boa adesão por parte dos alunos, mas o tempo foi demasiado curto que não deu para passar daquele nervosismo inicial de sermos, pela primeira vez, os professores responsáveis por uma atividade na escola.” (Reflexão sobre o magusto)

De um momento para o outro passamos de professores estudantes para professores, unicamente. Esta passagem, para além da mudança de estatuto, traz consigo deveres que não estava, na altura, preparado para cumprir. No início do meu estágio profissional, muitas vezes confundi o conceito de “bom professor” com “amigo” dos alunos, principalmente nestas atividades. Esta distorção de conceitos fez com que não sentisse ser necessário tanto empenho e preocupação nestas organizações. Para a melhoria deste aspeto tenho de agradecer à PC pelos seus imensos “puxões de orelha” e o “bater com a cabeça na parede” quando no final do evento percebia que afinal a minha postura não era a mais correta.

Olhando para trás posso, ainda assim, dizer que sentia que era um dia bem passado com o objetivo cumprido, de satisfação por parte da comunidade estudantil. Mas, mesmo assim, fica sempre um resto de mágoa por saber que tínhamos condições para fazer melhor.

5.2.2. DonaSport

O DonaSport é um acontecimento já com historial na escola e é exclusivamente organizada pelo NE. Este sentimento de exclusividade tornou-nos, nem que fosse por um dia, o centro das atenções de toda a comunidade escolar, desde estudantes a todos os outros atores escolares.

A organização deste evento ultrapassa as fronteiras das capacidades pedagógicas. Os estagiários tornam-se para além de educadores, organizadores. Fomos nós que montamos o espaço, deliberamos sobre as atividades a realizar, procuramos os apoios para que se conseguissem ter

todos os materiais e condições possíveis para um dia memorável; fomos carpinteiros, arregaçamos as mangas para fazer diversões para os alunos (como sucedeu com a construção do zero dos “cotonetes”); e acima de tudo fomos responsáveis por proporcionar aos alunos de um dia totalmente diferente.

Não conseguindo arranjar as palavras certas para transmitir ao leitor o imenso trabalho que deu, bem com toda a satisfação vivenciada, proponho “relatar” o dia, para que possa tirar as suas conclusões.

Antes disso devo salientar que este ano o evento contou com 40 equipas de 5 elementos cada, sendo o número de equipas o dobro das do ano anterior.

O dia começou com uma prova de peddypapper realizada por toda a cidade de Braga. Peddypapper que teve ao nosso encargo os percursos a realizar, os pontos a visitar e as perguntas inseridas no questionário. Aqui encontra-se um bom exercício para o professor em formação, com a tentativa de criar um percurso que faça aumentar os conhecimentos dos alunos, em vez de os colocar a “passear” pelas ruas da cidade. Maior satisfação do que ver os alunos felizes por participar, é sentir a sua apreciação por terem aumentado o conhecimento da sua cidade.

A parte da tarde foi inteira e exclusivamente realizada na escola, mais concretamente no PD1, com a realização de multiprovas. Em nota de curiosidade, revelo as provas existentes: pista de obstáculos insuflável, percurso de bicicleta, cotonetes e “gladiadores”.

Ter mais de 200 alunos eufóricos, num espaço como o PD1, conseguir controlá-los e criar estratégias de fácil rotação de provas talvez tenha sido das tarefas mais complicadas com que me deparei até hoje. Apesar desta dificuldade, hoje sinto que me deu “novos poderes” de organização e controlo.

Uma vez mais refiro que as palavras são insuficientes para descrever aquele dia. Resta-me apenas confessar que foi um dos dias mais intensos e gratificantes da minha ainda curta vida de professor.

5.2.3. “Favores em Cadeia”- Da sala de aula para a comunidade

“SINOPSE

Imaginem apenas. Fazemos um favor a alguém que realmente a ajude e dizemos que não queremos que este seja retribuído a nós, mas sim a três outras pessoas que, em troca fazem o mesmo a outras três - e assim sucessivamente criando uma cadeia crescente de bondade e respeito. Impossível?”

Respeitando o programa curricular de turma era necessário apresentar o tema das drogas aos alunos e coube-me a mim, apresentá-lo. Aspiramos a professores de educação física, mas acima de tudo somos professores e como tal a nossa transmissão de saberes e valores vai muito além do nosso espaço de lecionação.

Ter liberdade para criar um trabalho sobre um tema tem as suas vantagens mas também nos causa algum desnorte. Sabia perfeitamente o que queria provocar nos alunos, sem saber como fazê-lo.

Desacreditando no êxito total no combate a este “mundo maldito”, percebi que os alunos não deveriam ser elucidados sobre os componentes destas drogas mas sim debater um pouco sobre o quão difícil a adolescência pode ser. Esta fase da vida é marcada pelo confronto com a procura de novas sensações e tentações, que por vezes podem ser difíceis de resistir.

Todos nós já fomos adolescentes e penso que todos conhecemos a dificuldade de ultrapassar os desafios a que diariamente eram expostos. Ser adolescente é sentirmo-nos donos do nosso nariz, mas a precisar imensamente de ajuda na escolha dos nossos caminhos e foi isso que tentei fazer com esta apresentação.

“Ao longo da minha vida de estudante assisti a muitas apresentações deste género e em todas elas saia com o mesmo sentimento. Tudo era informação e nunca uma tentativa de perceber

o que leva a ter curiosidade por tal e como podemos lutar contra isso.

Assim, na tentativa de “ser diferente”, em vez de uma apresentação informativa, decidi criar uma apresentação de forma a chocar os alunos sobre as consequências deste problema.” (Reflexão da aula nº 61)

Prender a atenção dos alunos era um objetivo, mas havia outro, escondido, e talvez mais em jeito de sonho, que todo professor provavelmente terá. Sonhei que aquela apresentação fosse capaz de mudar a consciência de alguns alunos, tornando-se num início para que um dos meus filmes favoritos se transformasse em realidade. Imaginar que cada um dos alunos que saiu da aula abatido, chocado, de lágrimas nos olhos pudesse alargar o espaço de transmissão de valores que houve na sala para o meio em que convivem e que nenhum professor ou pai facilmente consegue entrar.

Provavelmente será um sonho impossível, ou até ridículo para alguns. Mas são de sonhos assim que eu, enquanto professor estagiário e futuro professor, vivi e quero viver. Sonhar que o nosso poder educacional pode ir muito além da nossa área de conforto e que não se cinge apenas aos nossos alunos, pode-se considerar um dos meus objetivos para alcançar a minha realização profissional e pessoal. Acima de tudo, não podemos esquecer o que um inteligente poeta um dia escreveu “o sonho comanda a vida”.

5.3. Crescimento Profissional

O que somos hoje é fruto da nossa experiência e isso é uma verdade incontestável. Se hoje sou melhor professor e melhor pessoa, em parte o devo ao Estágio Profissional. Ao relatar todas estas experiências, afirmo desde já o meu crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional.

A exaustiva necessidade de reflexão sobre todas as minhas ações, como talvez seja perceptível ao longo de todo o documento, foi a mais importante ferramenta que adquiri, e da qual certamente farei uso na minha futura profissão docente. Para a nossa evolução precisamos refletir sobre as nossas ações, precisamos observar e refletir sobre a prática dos nossos pares, pois como afirma o autor, “a prática de ensino em situação de sala de aula constitui o ponto de partida para o desenvolvimento profissional do professor” (Amaral et al., 1996, p. 109).

Talvez pelas minhas vivências desportivas, sempre acreditei nas vantagens do trabalho em equipa. Ter realizado este EP, com este grupo de pessoas, em especial os restantes professores estagiários, ajudou-me a ultrapassar todas as dificuldades encontradas ao longo deste ano. É através da comunicação, troca de experiências, reflexões conjuntas que conseguimos encontrar as ferramentas necessárias para nos tornarmos professores de educação física e acima de tudo, professores inseridos numa comunidade educativa.

Apesar de querer transmitir todo o meu desejo de ser melhor professor, não escondo o facto de, em determinados momentos, ter estado perdido. Momentos de cansaço que me fizeram querer desistir ou simplesmente não procurar como superar as minhas necessidades da prática docente.

Ser professor, vai muito além da pesquisa de exercícios para preencher noventa minutos de aula. É ser rigoroso na procura dos objetivos a alcançar, é compreender o porquê das suas ações, é saber sentir que a sua aprendizagem nunca acaba, pois como refere Alarcão (1996, p. 42), “*o professor, ao aprender a ensinar, encontra-se ele próprio numa situação de aprendizagem*”.

Com a dificuldade de enunciar todo meu enriquecimento profissional adquirido durante este ano letivo, remeto-me à confissão de sentir que estou preparado para o meu futuro, mas ainda longe da minha completa formação.

6. Desenvolvimento Profissional

6. Desenvolvimento Profissional

6.1. Motivação

6.1.1. Motivação nas aulas de andebol e voleibol

“Motivação dos alunos de uma turma para as aulas de Andebol e Voleibol. Análise comparativa.”

6.1.1.1. Resumo

Introdução: O sucesso da aula depende de diversos fatores, entre os quais, se destacam o planeamento e gestão da aula, o controlo da turma e a motivação dos alunos. A motivação é influenciada por fatores intrínsecos e extrínsecos e específica de cada aluno.

Objetivo: Identificar as razões pelas quais os alunos não gostavam das modalidades de andebol e voleibol e avaliar como isso influenciou o sucesso das aulas de educação física em que estas modalidades foram abordadas.

Metodologia: Estudo descritivo - correlacional dos dados fornecidos, pelos alunos do 10º B da Escola Secundária Dona Maria no ano letivo 2011/2012 por entrevista e pela avaliação quantitativa das unidades temáticas de andebol e voleibol realizada por mim e pela professora cooperante.

Resultados: 68% dos alunos gostavam menos de andebol, comparativamente com voleibol, sendo a maioria destes do género feminino (71%). As razões apontadas para o menor apreço por esta modalidade foram o contacto físico e a dificuldade em executar os gestos técnicos. O sucesso das unidades temáticas de andebol e voleibol foi classificado com nota 2 (suficiente) e 4 (muito bom), respetivamente.

Discussão de resultados e conclusão: Tendo os métodos de planeamento e gestão de aula sido semelhantes, é provável que a menor motivação dos alunos para a prática de andebol, e a desconhecimento/desvalorização por minha parte, tenha influenciado negativamente o sucesso desta unidade temática.

6.1.1.2. Abstract

Introduction: The success of the class depends on several factors, among which stand out the planning and class management, control of the class and student motivation. Motivation is influenced by intrinsic and extrinsic factors specific to each student.

Objective: To identify the reasons why students did not like the rules of handball and volleyball and evaluate how it influenced the success of physical education classes in which these modalities were discussed.

Methodology: A descriptive-correlational data provided by students of the 10th B Dona Maria High School in the school year 2011/2012 by interview and by quantitative assessment of thematic units of handball and volleyball performed by myself and the cooperating teacher.

Results: 68% of students enjoyed least handball, in comparison with volleyball comparison, most of these being female (71%). The reasons behind for the lower appreciation of this modality were physical contact and difficulty in executing the technical gestures. The success of the thematic units of handball and volleyball was rated as 2 (sufficient) and as 4 (very good), respectively.

Discussion of results and conclusion: Being both the methods of planning and classroom management similar, it is likely that the lower student motivation to practice handball, ignorance and / depreciation from my side, have negatively influenced the success of this thematic unit.

6.1.1.3. Introdução

O sucesso da aula depende de dois intervenientes, a turma e o professor e, na minha perspectiva, traduz-se na criação de um ambiente proporcionador do processo de ensino-aprendizagem de conhecimentos teóricos e práticos. Dos fatores determinantes do sucesso da aula destacam-se o planeamento e gestão da aula, o controlo da turma e a motivação por ambas as partes, alunos e professor.

A motivação influencia o comportamento do aluno na sala de aula, podendo este ir de uma simples participação a um maior envolvimento nas atividades que lhe são propostas. Por sua vez, a motivação é influenciada por fatores intrínsecos, sociodemográficos e aspirações pessoais, e extrínsecos, ou seja ambientais. Como afirma Kobal (1996), a motivação é um aspeto específico de cada indivíduo, o que aplicado ao contexto do ensino, significa que cada aluno é único e está distintamente motivado para as diferentes modalidades desportivas. Cabe ao professor a tarefa de tentar descobrir o diferente grau de motivação dos alunos para as várias modalidades, de forma encontrar estratégias compensadores das modalidades menos apreciadas.

Após a reflexão com a professora cooperante sobre o sucesso da realização das unidades temáticas, constatou-se uma grande discrepância entre o andebol e o voleibol. Uma vez que os métodos de planeamento e gestão que usei foram semelhantes, procurei investigar se a diferente motivação dos alunos para as duas modalidades foi um fator determinante para o insucesso do andebol, comparativamente ao voleibol.

Neste contexto, o presente projeto de investigação teve como objetivo identificar as razões pelas quais os alunos não gostavam das modalidades de andebol e voleibol e avaliar como isso influenciou o sucesso das aulas de educação física em que estas modalidades foram abordadas.

6.1.1.4. Objetivos da Investigação

6.1.1.4.1 Objetivo geral:

- ✚ Identificar as razões pelas quais os alunos não gostavam das modalidades de andebol e voleibol e avaliar como isso influenciou o sucesso das aulas de educação física em que estas modalidades foram abordadas

6.1.1.4.2 Objetivos específicos:

- ✚ Determinar, entres as modalidades de andebol e voleibol, a que os alunos gostaram menos de praticar;
- ✚ Identificar as razões pelas quais os alunos não gostaram das modalidades de andebol e voleibol;
- ✚ Avaliar o sucesso, no que respeito à motivação e empenhamento motor, nas aulas em que as modalidades de andebol e voleibol foram abordadas.

6.1.1.5.Revisão da Literatura

Para perceber o que pode ou não influenciar a motivação, primeiramente é necessário definir e compreender o conceito de motivação, considerada por muitos autores o tema central de qualquer ação humana.

Segundo Nérici (1993 p.75), motivação é “o processo que se desenvolve no interior do individuo e o impulsiona a agir, mental e fisicamente, em função de algo. O individuo motivado encontra-se disposto a despende esforços para alcançar seus objetivos”. Este conceito é reafirmado por Bear, Connors e Paradiso (2008) que consideram a motivação uma “força” que compele um acontecimento a acontecer.

A motivação é um processo ativo, dirigido a uma meta e do qual depende a interação de fatores pessoais e ambientais (Samulski, 2002). Segundo o mesmo autor podemos destacar dois tipos de comportamentos:

1. Comportamento internamente motivado (motivação intrínseca): diz respeito a fatores internos, como o prazer e satisfação, onde o sujeito realiza voluntariamente a atividade;
2. Comportamento externamente motivado (motivação extrínseca): são os comportamentos que a pessoa realiza em função de uma recompensa externa, dependendo assim de fatores externos.

Os comportamentos advêm de motivos que ativam o organismo na tentativa de satisfazer as necessidades e dirigirem o comportamento, sendo específicos de cada sujeito (Freitas, Costa e Faro, 2003). Por exemplo Weinberg e Gould (2001) afirmam que os motivos para praticar desporto entre homens e mulheres, são distintos. Os do género masculino são motivados pela competição e reconhecimento social e os género feminino por estética ou contacto social.

Hoje em dia, o tema motivação para a prática de educação física, desperta grande interesse e o seu entendimento é importante para o processo educativo (Morris, Clayton, Power e Jin-Song, 1995). Não colocando toda a pressão nos “ombros” dos alunos, a motivação não será somente por parte dos alunos, mas também por parte do professor, pois este tem que mostrar motivação e entusiasmo para influenciar positivamente os seus alunos.

Weinberg e Gould (2001) sugerem 5 diretrizes fundamentais para o professor ter em consideração, com vista a desenvolver a motivação:

1. Importância dos fatores situacionais e pessoais;
2. Motivos para os alunos estarem envolvidos no desporto;
3. Alteração do envolvimento para atingir a motivação;
4. Os líderes influenciam a motivação;
5. Modificar o comportamento para alterar motivações indesejáveis para a participação.

O professor está em constante confronto com as diferentes motivações dos seus alunos, sendo por isso necessário perceber sobre as dificuldades e

motivações dos alunos e refletir constantemente sobre a sua prática pedagógica de modo a planear atividades desafiadoras e motivadoras (Eccheli, 2008)

6.1.1.6. Metodologia

6.1.1.6.1 Tipo de estudo

Tendo em consideração os objetivos propostos, optei por realizar um estudo descritivo-correlacional.

6.1.1.6.2. População em Estudo

A população em estudo foi constituída pelos alunos do 10º ano, turma B da Escola Secundária Dona Maria II, do ano letivo 2011/2012.

6.1.1.7. Métodos e instrumentos utilizados

Os alunos foram submetidos a uma entrevista composta fundamentalmente por duas questões. Uma primeira, de resposta fechada, em que tinham que escolher, entre estas duas modalidades, a que menos gostavam. E outra, de resposta aberta, em que tinham que enumerar 3 a 5 razões que justificassem a sua escolha.

A entrevista decorreu durante a semana de 23 a 28 de abril de 2012, na sala de professores de educação física. Em cada dia foram entrevistados, individualmente, 5 alunos, sendo o tempo médio de entrevista 5 a 10 minutos. As entrevistas foram realizadas por mim e as respostas registadas manualmente. Posteriormente os dados foram informatizados e tratados com o auxílio do programa informático Microsoft Excel 2010.

O sucesso das aulas em que estas modalidades foram abordadas, foi global e oralmente, avaliado por mim e pela Professora Cooperante após finalizado o ensino das Unidades Temáticas, numa escala de 1 a 4 (1 - insuficiente; 2 - suficiente; 3 - bom; 4 - muito bom).

6.1.1.8. Resultados

A turma do 10º B da Escola Secundária Dona Maria II, do ano letivo 2011/2012, é constituída por 25 alunos, 14 do género feminino e 11 do género masculino, com uma média etária de 15 anos.

Em relação à primeira questão da entrevista, 17 alunos (68%) referiram gostar menos de andebol comparativamente com o voleibol, e apenas 8 alunos (32%) referiram o contrário (Gráfico 1). De realçar que, no primeiro grupo 12 dos 17 alunos eram do género feminino e no segundo grupo apenas 2.

Modalidade que os alunos menos gostam de praticar

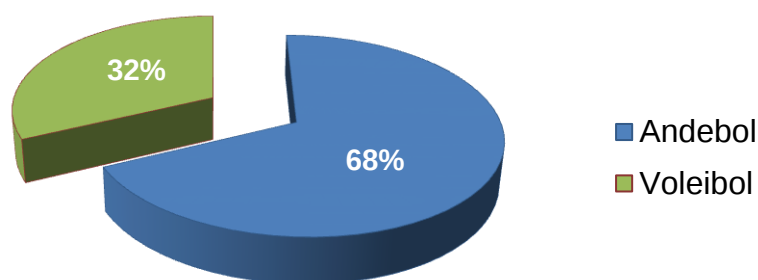


Gráfico 1: Percentagem de alunos que não gostavam de praticar as modalidades de andebol e voleibol

Após realizada esta distinção, foi efetuada uma análise de conteúdo às razões justificativas do menor apreço pelas modalidades, enumeradas pelos alunos.

Relativamente à modalidade de andebol, destacaram-se 2 conceitos chaves: contacto físico e dificuldade em executar os gestos técnicos.

O contacto físico foi mencionado por 45% das respostas e traduz o desconforto destes com o contacto com os seus pares. A dificuldade em executar os gestos técnicos foi mencionada por 23,5% das respostas e os alunos exemplificam-na como a dificuldade em realizar os “passos certos para

rematar” ou “não conseguir agarrar a bola à primeira”. As restantes 31,5% respostas, incluíam outras razões, tais como o sentimento de demasiada competitividade, despreço por correr muito e o facto de não gostarem de jogos com balizas (Gráfico 2).

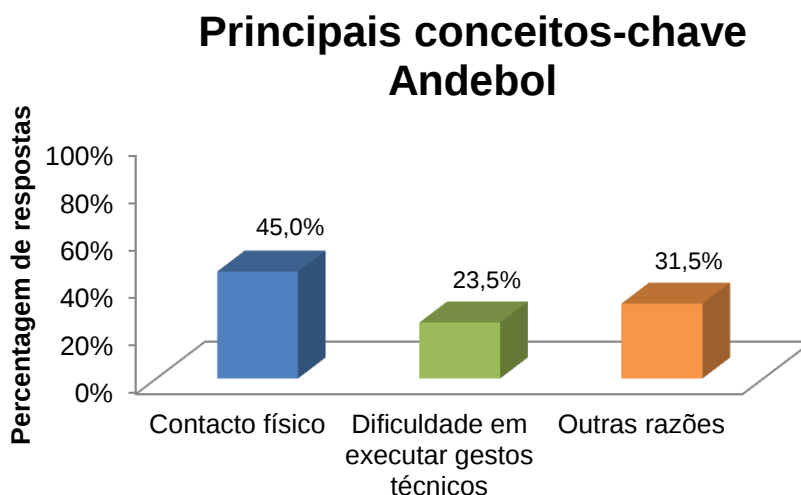


Gráfico 2: Principais conceitos-chave referidos pelos alunos que não gostavam de andebol

Relativamente à modalidade de voleibol, destacaram-se 3 conceitos chaves: repetitiva; pouco trabalho de equipa; limitação de espaço.

O argumento mais frequentemente apontado pelos alunos que não gostavam de praticar voleibol foi tratar-se de uma modalidade monótona, confessando alguns, “basear-se em dar três toques e passar a rede” (29,4%). Outros dois conceitos-chave relacionaram-se com o facto de considerarem que, existe pouco trabalho de equipa (23,5%) e há limitação de espaço (17,6%). Ao longo da entrevista notou-se que estes conceitos podem traduzir-se na restrição imposta pelas posições fixas ou na impossibilidade de invadir o campo adversário. As restantes 29,5% respostas foram muito diversas não se identificando nenhum carácter comum.

Principais conceitos-chave Voleibol

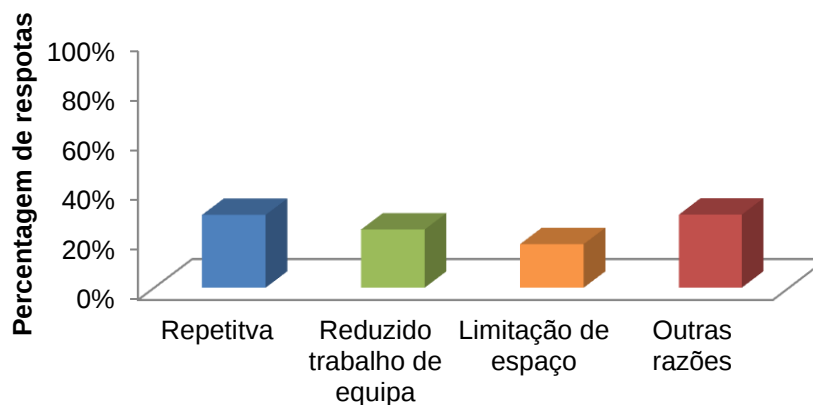


Gráfico 3: Principais conceitos-chave referidos pelos alunos que não gostavam de voleibol

Quanto à apreciação conjunta, minha e da professora cooperante, em relação ao sucesso das Unidades Temáticas de andebol e voleibol, sustentadas pela concretização dos seus objetivos, o andebol foi classificado com nota 2 (suficiente) e o voleibol com a nota máxima de 4 (muito bom).

6.1.1.9. Discussão dos resultados e conclusão

Da análise dos resultados depreendeu-se que, em comparação com o voleibol, a modalidade de andebol é menos apreciada pelos alunos do 10º B, sendo uma significativa percentagem desses alunos, 71%, do género feminino.

As razões apresentadas para este menor interesse por esta modalidade foram essencialmente duas: maior contacto físico; dificuldade em realizar os gestos técnicos. Deste modo, tornou-se evidente que o espírito de competitividade implícito na modalidade de andebol constituiu um fator desmotivante para o desempenho dos elementos do género feminino nas aulas de educação física em que esta modalidade foi abordada.

Embora não tenha encontrado estudos que avaliassem especificamente a motivação dos alunos, em particular do secundário, para a prática das diferentes modalidades durante as aulas de educação, destacam-se alguns

estudos sobre a diferente motivação entre o género masculino e feminino. O estudo realizado por Bidutte (2001) demonstrou que os alunos do género masculino valorizam a realização e status, enquanto os do feminino, as brincadeiras e amizades e que os primeiros vêem os seus desejos e expetativas atendidos, considerando as aulas de educação física mais motivantes. À semelhança do estudo anterior, Rocha (2009) verificou que os *“meninos são mais ligados à competição do que as meninas, sendo as mesmas mais motivadas à prática por estar com os amigos e por influência da família, salientando-se assim a importância de se valorizar os relacionamentos interpessoais nas aulas de educação física e a participação da família nas práticas desportivas escolares”*.

O número de alunos de que gostavam menos de voleibol, comparativamente ao andebol, foi muito menor (2 raparigas e 6 rapazes), sendo os argumentos apresentados relativos à natureza e essência deste desporto.

Debruçando-me sobre estes resultados, tornou-se difícil não os correlacionar com o diferente sucesso alcançado nas unidades temáticas de andebol e voleibol. Na minha opinião, o facto de 68% dos alunos gostarem menos de andebol, comparativamente com voleibol, condicionou negativamente a prestação dos alunos e consequentemente o desenvolvimento das aulas. A tardia perceção desta situação, bem como a valorização insuficiente que lhe atribuí, uma vez que estava demasiado concentrado em lecionar todos os conteúdos previstos, impediu-me de procurar e implementar estratégias no sentido de combater a desmotivação dos alunos durante as aulas de andebol. Assim, após esta reflexão, instalou-se um leve sentimento de frustração por não me ter empenhado mais. Muitas vezes preocupamo-nos só com o nosso trabalho, sentindo que são os alunos que têm de remar na nossa direção, esquecendo os motivos que poderão estar por trás desse “desencontro”.

6.1.1.10. Referências Bibliográficas

- BEAR, M., CONNORS, B. & PARADISO, M. (2006). *Neurociências: desvendando o sistema nervoso* (2ª Ed). Porto Alegre: Artmed.
- BIDUTTE, L. C. (2001). Motivação nas aulas de educação física em uma escola particular. *Psicologia Escolar Educacional*, 5 (2), 49-58.
- ECCHELI, S. D. A. (2008). A motivação como prevenção da indisciplina. *Educar*, 32, 199-213.
- FREITAS, E., COSTA, S., e FARO, S. (2003). *Onde está a motivação do aluno... e a do professor?* Monografia de Curso De Especialização. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- KOBAL, M. C. (1996). *Motivação Intrínseca e Extrínseca nas aulas de Educação Física*. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física
- ROCHA, C. (2009). A MOTIVAÇÃO DE ADOLESCENTES DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Lisboa: C. Rocha. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.
- NÉRICI, I. G. (1993) *“Didática: uma introdução”*. São Paulo: Atlas
- MAGGIL, R. A. (1984). *A aprendizagem motora: Conceitos e aplicações*. São Paulo: Edgard Blucher
- MORRIS, T., CLAYTON, H., POWER, H e JIN-SONG, H. (1995). *Gender and Motives for Participation in sport and Exercise*. IX the European Congress on Sport Psychology. R. Vanfraechem-Raqway, Y. Vanden Auweele (eds). Brussels, p. 364-373
- SAMULSKI, D. M. (2002). *Psicologia do esporte*. (1ª Ed). Barueri: SP. Ed. Manole Ltda,

WEINBERG, R. e GOULD, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício* (2ªEd). Porto Alegre: Artmed.

Conclusões e Perspetivas para o Futuro

7. Conclusões e Perspetivas para o futuro

Se anteriormente afirmei ter começado o EP repleto de dúvidas e medos sobre as minhas capacidades e competências profissionais, do mesmo modo e com a mesma convicção confesso hoje finalizar este processo enriquecido.

Hoje, sinto-me mais capaz, com mais segurança e conhecimento para agir nas diferentes “batalhas” da vida docente. Sinto-me competente para ser o que sempre sonhei, ser professor de Educação Física e integrar-me numa comunidade educativa.

O EP deu-me a possibilidade de viver intensamente momentos cheios de entusiasmo, medo e, por vezes, de frustração. Deceções e desilusões que são necessárias vivenciar para podermos crescer. Todo ele está repleto de dificuldades que somos obrigados a superar diariamente, sem nunca esquecer que o nosso futuro profissional está em causa. Dia a dia somos confrontados com os nossos alunos durante as aulas e postos à prova em diferentes atividades organizadas e concretizadas na escola. Saber organizar e planear ao pormenor, definir objetivos concretos, pôr em prática uma atividade e refletir sobre ela, são fases importantes da tarefa do professor.

Reflexão é talvez a palavra-chave de todo o EP, gastando nesta prática horas e horas a fio. Apesar de não compreender inicialmente o porquê desta prática, com o tempo percebi que refletir sobre a nossa ação é uma necessidade pessoal para o desenvolvimento dos conhecimentos e capacidades para tomar as decisões acertadas. Só assim percebemos o que fizemos e o que podemos e devemos melhorar no futuro.

Concluo este documento com um sentimento de insatisfação por não arranjar força suficiente nas palavras para transmitir toda a intensidade que foi vivida neste estágio profissional. Foi um ano duro e o nosso futuro não se afigura risonho, nem fácil nesta profissão. Com todas estas dificuldades, não perco as forças nem esperanças pois há palavras que não nos deixam desistir...

“As aulas de educação física foram muito criativas e a atitude do professor surpreendeu-me pela positiva. Adorei as aulas.” Rita²

“As aulas de educação física foram as mais divertidas. O professor, foi o melhor “stor” que tive até hoje. AMEI TODAS AS AULAS.” Ana³

“Nunca imaginei que aquele professor tímido e reservado da primeira aula se tornasse um dos melhores professores que tive... A evolução do senhor professor Paulo foi evidente e as suas aulas foram melhorando bastante. Com uma enorme energia fora do comum, as aulas despertaram na turma uma vontade enorme de frequentar as aulas de educação física. Aulas didáticas e interessantes, nada de faz e joga. Admiro seu esforço e paciência com que deu as aulas.” Dália⁴

“As aulas do “stor” foram magníficas. Tem um jeito especial para nos cativar, incentivar, ensinar e tudo mais. Foi das pessoas que mais marcaram a minha passagem pela escola. Muito obrigado por tudo.” Ruben⁵

² Nome Falso

³ Nome Falso

⁴ Nome Falso

⁵ Nome Falso

8. Referências Bibliográficas

8. Referências Bibliográficas

ARENDS, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Mcgraw-Hill.

ALARCÃO, I. (Org). (1996). *Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora.

AMARAL, J., MOREIRA, A., e RIBEIRO, D. (1996). O papel do Supervisor no desenvolvimento do professor reflexivo. In I. Alarcão (Org), *Formação reflexiva de professores: Estratégias de supervisão*. Coleção CIDInE. Porto: Porto Editora.

BENTO, J.O. (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.

BENTO, J. O. (1989). *Para uma formação desportivo-cultural na escola*. Lisboa: Livros Horizonte.

BENTO, J.O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física* (3ª Ed). Lisboa: Livros Horizonte

CARITA, A., FERNANDES, G. (1997). *Indisciplina na sala de aula: Como prevenir? Como remediar?*. Lisboa: Editorial Presença.

CARREIRO DA COSTA, F. (1995). *O Sucesso Pedagógico em Educação Física: Estudo das Condições e Fatores de Ensino-Aprendizagem Associados ao Êxito numa Unidade de Ensino*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

CARRASCO, J. F. (1985). *Como avaliar a aprendizagem*. Coleção Práticas Pedagógicas. (J. M. de Azevedo, trad.): Madrid: Ediciones Anaya.

COLAÇO, C., & ROSADO, A. (2002). *Avaliação das Aprendizagens: Fundamentos e aplicações no domínio das actividades físicas*. Omniserviços, Representações e Serviços, Lda .

COSTA, J. A. (1996). *Imagens Organizacionais da Escola* (3ª Ed.). Porto: Asa Editores.

DAVIS, C : LUNA, S. (1998) A questão da autoridade na educação. In Caderno de Pesquisa nº 76. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.

DEWEY, J. (1993). *How we Think: A restatement of relation of reflective thinking to the process*. Boston: Houghton Mifflin Company.

DGES (1964). Decreto-Lei nº 45 636/64 de 31 de março

DGES. (2006). Decreto-Lei n.º 74/2006 de 24 de março. *Diário da república*, 1.ª Série, N.º 60, 2242 – 2257.

DGES. (2007). Decreto-Lei n.º 43/2007 de 22 de fevereiro. *Diário da República*, 1.ª série, N.º 38, 1321 – 1328.

Documento Orientador do Estágio Profissional. Documento elaborado pelo Conselho Coordenador do Estágio Profissional da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, no ano letivo 2009/2010.

FURLANI, L.M.T (2000). *Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?* (6ª Ed.). São Paulo: Cortez.

GOOD T. L.; BROPHY (1984). *Looking in classroom*. New York, Harpe rand Row

GRAÇA, A. (2005). Melhorar a capacidade instrucional de treinadores de jovens. *Revista Perfil*, 2(8), 13-15.

HARGREAVES, D. (1978). *Las relaciones interpersonales en la education*.

Madrid, Narcea

JESUS, S. N. (1996) “A motivação para a profissão docente: Contributo para a clarificação de situações de mal-estar e para a fundamentação de estratégias de formação de professores”. Aveiro: Estante Editora.

LAWN, Martin (1991). “Debate Section: The Education and Training of a Profession”. *Education Review*, 5 (2), 34-41.

LAFOURCADE, P. D . (1972). *Evaluación de los aprendizajes*. Madrid: Editorial Cincel.

MATOS, Z. (2010). Normas Orientadoras do *Estágio Profissional do Ciclo de Estudos conducente ao Grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da FADEUP*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Ministério da Educação. (2009). *Programa do Desporto Escolar para 2009-2013*. Lisboa.

NÓVOA, A. (1995). *Profissão Professor*. Porto: Porto Editora.

NÓVOA, A. (1999). *Profissão Professor* (2ªEd). Porto: Porto Editora.

RINK, J. (1993). *Teaching physical education for learning*. St.Louis: Mosby.

Siedentop, D., & Tannehill, D. (2000). *Developing Teaching Skills In Physical Education* (4 ed.). Mountain View, CA: Mayfield Publishing Company.

SOUSA, J. M. (2001). Professor: uma profissão? O papel da instituição formadora. *Tribuna da Madeira*. Educação, 13-16.

SCHON, D. A. (1992). Formar professores como profissionais reflexivos. In NÓVOA, A. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Portugal, Dom Quixote.

SHIGUNOV, V. e PEREIRA, V. (1994). *Pedagogia da Educação Física: O Desporto Coletivo na Escola- OS Componentes Afetivos*. São Paulo: Prol.

SILVA, C. G. (1999). *Escolhas escolares, heranças sociais: Origens, expectativas e aspirações dos jovens no ensino Secundário*. Oeiras: Celta Editora

VICKERS, J. (1990). *Instrucional Design for Teaching Physical Activities: A Knowledge Structures Approach*. Champaign, Illinois: Human Kinetics Books.

Anexo A - Ficha Sociobiográfica

Escola Secundária D. Maria II
Ficha Sociobiográfica



1. Identificação do Aluno:

Nome:		Data de nascimento: / /19	
Curso:		Turma: n.º:	
Nacionalidade:	Email:		
Morada:		Telm:	
Freguesia:			
SASE: Escalão A ☐ Escalão B ☐ Sem escalão ☐			
Computador: Sim ☐ Não ☐ Internet: Sim ☐ Não ☐			

2. Identificação do Agregado Familiar

Mãe

Nome:	Idade:
Morada:	Telefone:
Email:	Tlm:

Pai

Nome:	Idade:
Morada:	Telefone:
Email:	Tlm:

Encarregado de Educação: Mãe ☐ Pai ☐ Outro ☐

Nome:	Idade:
Morada:	Telefone:
Email:	Tlm:

N.º de Pessoas do agregado familiar			
Quem?			
Quantos irmãos?			
Idade	Escola que frequenta	Profissão	

3. Dados sociais dos Agregado familiar:

Habilitações Académicas dos Pais/Encarregados de Educação	Pai	Mãe	Categorias Socioprofissionais	Pai	Mãe
1º Ciclo			Agricultores e Pescadores Independentes		
2º Ciclo			Empresários da indústria e do Comércio		
3º Ciclo			Quadros técnicos		
Ensino secundário			Empregados de Comércio e Serviços		
Bacharelato			Trabalhadores de Produção		
Licenciatura			Trabalhadores Agrícolas e de Pesca		
Pós-graduação			Pessoal dos Serviços Pessoais e Domésticos		
Mestrado			Professores		
Doutoramento			Militares		
			Domésticos		
			Desempregados		
			Reformados		
			Outros		

4. Caracterização do percurso escolar do aluno:

4.1. Estabelecimento de ensino frequentado no ano lectivo anterior:

E.B. André Soares ☐ E.B. Dr.Franc.Sanches ☐ E.B. de Gualtar ☐ E.B. de Nogueira ☐
 E.B. de Lameiras ☐ ESDMII ☐ E.B. Cávado ☐ E.B. Palmeira ☐
 Outros ☐ Qual? _____

4.2. Motivos que conduziram à selecção da ESDMII

Proximidade à residência ☐ Amigos na ESDMII ☐ Familiares na ESDMII ☐
 Resultados escolares ☐ Outros ☐ Quais? _____

4.3. Teve alguma retenção? Sim ☐ Não ☐

4.4. Qual/ quais?

Anos escolares	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
N.º de retenções												

4.5. Indique as disciplinas preferidas? (Indique 3) _____

4.6. Indique as disciplinas em que tem mais dificuldades? _____

4.7. Indique a/s razão/ões a que se devem essas dificuldades:

- ☐ Por causa da matéria;
- ☐ Conversas na aula;
- ☐ Estudo pouco/ não estudo;
- ☐ Estou distraída/o;
- ☐ Não tenho interesse;
- ☐ Não faço os TPC;
- ☐ Não gosto da disciplina; Qual? _____
- ☐ Outra razão. _____

4.8. Costuma frequentar alguma Biblioteca? Sim ☐ Não ☐ Qual? _____

5. Dados gerais

5.1. Saúde:

Dificuldades: visuais ☐ auditivas ☐ motoras ☐ de linguagem ☐

Doenças/alergias:

☐ Dermatológicas ☐ Aparelho respiratório ☐ Alergias ☐ Neurológicas

☐ Outra: _____

Habitualmente toma medicamentos? Sim ☐ Não ☐ Quais? _____

Toma regularmente o pequeno-almoço: Sim ☐ Não ☐ Em casa ☐ Na escola ☐ Outro ☐

5.2. Deslocação casa/ escola?

Transporte: A pé ☐ De carro próprio ☐ De boleia ☐ De transporte público ☐

Distância: até 1 Km ☐ de 1 a 5 Km ☐ de 5 a 10 Km ☐ Mais de 10 Km ☐

Duração: Menos de 10 min ☐ Entre 10 e 20 min ☐ Entre 20 e 30 min ☐
Entre 30 min e 1 hora ☐ Mais de 1 hora ☐

6. Identificação das actividades extra-escolares

Especifique as actividades. Numere-as por ordem de interesse.

1. A praticar desporto ☐ Desportos praticado _____
2. A ouvir música ☐ Músicas preferidas _____
3. A ver televisão ☐ Programas preferidos _____
4. A ler ☐ Leituras preferidas _____
5. A ver filmes ☐ Filmes preferidos _____
6. A coleccionar ☐ O quê? _____
7. Outras actividades ☐ Quais? _____

7. Caracterização do nível de Expectativas do aluno:

Se dependesse só de si, continuava a estudar? Sim ☐ Não ☐

Habilitações Académicas	
3º Ciclo completo (9º ano)	
Ensino Secundário completo (12º ano)	
Ensino Superior	
Ensino Profissional	
Outros: Ex. Doutoramento	

Categorias Socioprofissionais	
Agricultores e Pescadores Independentes	
Empresários da indústria/ Comércio	
Quadros técnicos:	
PROFESSORES	
MÉDICOS	
ENGENHEIROS	
ARQUITECTOS	
ADVOGADOS	
CIENTISTAS/ INVESTIGADORES	
Empregados de Comércio e Serviços	
Trabalhadores de Produção	
Trabalhadores Agrícolas e de Pesca	
Pessoal dos Serviços Pessoais e Domésticos	
Militares	
Domésticos	
OUTROS	

8. Se já é aluno da Escola Secundária D. Maria II, indique:

- 8.1. Um ponto forte da nossa escola; _____
- 8.2. Um ponto fraco da nossa escola; _____

Anexo B – Ficha de caracterização do aluno

Escola Secundária D. Maria II
Núcleo de Estágio de Educação Física



Ficha de caracterização do aluno

1-Identificação Pessoal	
a) Nome: _____ b) Idade: _____ c) Nome pelo qual pretendes ser tratado: _____ d) Ano ____ e) Turma ____ f) Nº ____ g) Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐	
2-Relação com a Educação Física e com o professor de Educação Física	
a) Gostas da Disciplina de Educação Física? Sim ☐ Não ☐ Porquê? _____ b) O que esperas das aulas de Educação Física? Divertimento ☐ Desenvolver a musculatura ☐ Melhorar a saúde ☐ Bem-estar ☐ Melhorar o espírito de grupo ☐ Melhorar técnicas ☐ Aumentar agilidade ☐ Emagrecer ☐ Conhecimento das modalidades ☐ c) Hierarquiza, por ordem decrescente, as 3 modalidades que mais gostas de praticar? Andebol ☐ Ginástica ☐ Badminton ☐ Dança ☐ Atletismo ☐ Voleibol ☐ Futebol ☐ d) Hierarquiza, por ordem decrescente, as 3 modalidades que menos gostas de praticar? Andebol ☐ Ginástica ☐ Dança ☐ Atletismo ☐ Voleibol ☐ Futebol ☐ Badminton ☐ e) Hierarquiza, por ordem decrescente, as 3 modalidades em que sentes mais dificuldades em praticar? Andebol ☐ Ginástica ☐ Dança ☐ Atletismo ☐ Voleibol ☐ Futebol ☐ Badminton ☐ Outra: _____ f) Hierarquiza, por ordem decrescente, as 3 modalidades em que sentes menos dificuldades em praticar? Andebol ☐ Ginástica ☐ Dança ☐ Atletismo ☐ Voleibol ☐ Futebol ☐ Badminton ☐ Outra: _____ g) Qual é a tua motivação para a aula de Educação Física? Muita ☐ Razoável ☐ Pouca ☐ Muito pouca ☐ h) Habitualmente tomas banho no final da aula de Educação Física? Nunca ☐ Às vezes ☐ Sempre ☐ i) Indica três características que mais aprecias num Professor de Educação Física: Exigente ☐ Disciplinado ☐ Compreensivo ☐ Comunicativo ☐ Bem-disposto ☐ Participativo ☐ Justo ☐ Pontual ☐ Pouco comunicativo ☐ Arrogante ☐ Intolerante ☐ Outras: _____ j) Indica três características que menos aprecias num Professor de Educação Física: Exigente ☐ Disciplinado ☐ Compreensivo ☐ Comunicativo ☐ Bem-disposto ☐ Participativo ☐ Justo ☐ Pontual ☐ Pouco comunicativo ☐ Arrogante ☐ Intolerante ☐ Outras: _____	

Escola Secundária D. Maria II
Núcleo de Estágio de Educação Física



3-Actividade Física fora das aulas de Educação Física

- a) Praticas algum desporto fora da Escola? Não ☐ Sim ☐ Qual? _____
- b) Se sim, quantos dias treinas por semana? 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐ c) Quantas horas por treino? _____
- c) És federado/a? Não ☐ Sim ☐ Se sim, em que clube? _____
- d) O teu pai pratica alguma actividade física?
 * Sim ☐ Qual (quais)? _____
- d)1 - Há quanto tempo? < de 1 ano ☐ 1 – 2 anos ☐ 2 – 3 anos ☐ > de 4 anos ☐
- d)2 - Quantas horas por semana? 1-2h ☐ 2-4h ☐ 4-6h ☐ + de 6h ☐
 * Não ☐
- e) O teu pai já praticou alguma actividade física? Sim ☐ Não ☐ Se sim, qual (quais)? _____
- f) A tua mãe pratica alguma actividade física?
 * Sim ☐ Qual (quais)? _____
- f)1 - Há quanto tempo? < de 1 ano ☐ 1 – 2 anos ☐ 2 – 3 anos ☐ > de 4 anos ☐
- f)2 - Quantas horas por semana pratica? 1-2h ☐ 2-4h ☐ 4-6h ☐ + de 6h ☐
 * Não ☐
- g) A tua mãe já praticou alguma actividade física? Sim ☐ Não ☐ Se sim, qual (quais)? _____
- h) O (s) teu (s) irmão (s) / irmã (s) praticam alguma actividade física? Sim ☐ Não ☐
 Se sim, quem pratica e o quê? _____

4 - Saúde e Alimentação

- a) Vais com frequência ao médico? Sim ☐ Não ☐
- b) Tens algum dos seguintes problemas?
- Respiratórios: Sim ☐ Não ☐ Quais? _____ Cardíacos: Sim ☐ Não ☐ Quais? _____
- Motores: Sim ☐ Não ☐ Quais? _____ De Coluna: Sim ☐ Não ☐ Quais? _____
- | | | | | | |
|------------|------------------------------|------------------------------|-----------|------------------------------|------------------------------|
| Epilepsia: | Sim ☐ | Não ☐ | Diabetes: | Sim ☐ | Não ☐ |
| Anemia: | Sim ☐ | Não ☐ | Otitis: | Sim ☐ | Não ☐ |
| Pé Plano: | Sim ☐ | Não ☐ | Alergias: | Sim ☐ | Não ☐ |
| Audição: | Sim ☐ | Não ☐ | Visão: | Sim ☐ | Não ☐ |
- Outros: Sim ☐ Não ☐ Quais? _____
- c) Tens algum problema que te dificulte a prática da actividade física? Sim ☐ Qual? _____ Não ☐
- d) Já alguma vez foste sujeito a uma intervenção cirúrgica? Sim ☐ Qual? _____ Não ☐
- e) Costumas adoecer com frequência? Sim ☐ Não ☐
- f) Costumas tomar pequeno-almoço antes de te deslocares para a escola? Sim ☐ Às vezes ☐ Não ☐
- g) Quantas refeições fazes por dia? 1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ +de 4 ☐
- h) Onde costumavas realizar as tuas refeições? Casa ☐ Escola ☐ Casa e Escola ☐ Outro ☐
- i) Fumas? Sim ☐ Não ☐
- j) Dormes bem? Sim ☐ Não ☐
- k) Qual é a média de horas que dormes por dia? j)1 Durante a semana _____ j)2- Ao fim-de-semana _____

Nuno Silva; Paula Rodrigues; Raquel Felgueiras; Ricardo Alves

Anexo C – Roulement

GRUPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ESCOLA SECUNDARIA D. MARIA II

ANO LETIVO 2011 / 2012

SEGUNDA

TERÇA

QUARTA

QUINTA

SEXTA

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

SÁBADO

Anexo D – Plano de Aula

Escola Secundária D. Maria II - Braga
Núcleo de Estágio de Educação Física 2011/2012



Professor:	Ano:	Turma:	N.º Alunos:
Unidade Didáctica:	Data:	Duração:	Hora:
Função Didáctica:	Sessão n.º:	Aula n.º:	Local:

Plano de Aula

Material:			
Objectivos da Aula:			
Parte	Objectivos Comportamentais	Situações de Aprendizagem. Organização Alunos/Professor	Componentes. Críticas
INICIAL			
FUNDAMENTAL			
FINAL			
Sumário:			

Paulo Rodrigues;



Ficha da Avaliação Inicial do Badminton

Ano: 10		Turma: B				Data:			Local:	
Nº	Nome	Badminton						Cultura Desportiva	Psico-Sociais	
		Clear	Lob	Amortie	Drive	Serviço Curto	Serviço Longo			Logo 1x1
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										
12										
13										
14										
16										
17										
18										
19										
20										
21										
23										
24										
25										
26										
27										

Níveis: 1 – Não executa 2 – Executa com dificuldade 3 – Executa correctamente

Anexo E – Exemplo de uma ficha de avaliação